

# NOITES

Carlos Rivas

## Ciganas na noite

A Noite Cigana reuniu na "Boite Aquarius" animado grupo de casais em noite das mais movimentadas, onde se destacava a presença feminina com seus trajes coloridos: a maioria das mulheres compareceu a caráter.

O conjunto Violinos de Paris não teve muita chance em sua apresentação tal a alegria reinante. Mesmo assim deu o recado, seguindo a festa na base da discoteca.

Entre os presentes, Sheila e Antônio Bittencourt; Nair (sempre elegante) e Belizário Godoy; Thelma e Carlos Augusto Bittencourt Silva, Francisco e Moema Fuscaldó, Felicianinha e Jayme Farah; Iná e Arnaldo Ramalho Filho; Robson de Barros e Sra; Mariusa e Hugo Baranda, que comandou a festa; Cláudio Gentil com a namorada Maria Del Pillar del Rio Navarrete; Terezinha Rodrigues e o noivo Sérgio Galindo Moreira; Carla Meyer Ramalho; e Elizabeth de Fátima Souza.

## Denise-Ricardo

Na Igreja de Santa Margarida Maria, no Rio, casaram-se os jovens Denise e Ricardo. A noiva, filha do casal Evilácio Ferreira Jardim-Edna Torres Jardim, família das mais distintas da sociedade carioca; o noivo, do Desembargador José Argeo Cruz Barroso, já falecido, e da Sra. Hercília da Silveira Paiva Barroso, das mais prezadas e benquistas famílias da sociedade niteroiense. Paranimfaram, por parte da noiva, o Sr. Reinaldo de Paiva Barroso e a Sra. Edna Alves Coelho; o Sr. Johnson Andrade dos Santos e Sra; o Sr. José Carlos de Paiva Barroso e Sra; o Sr. Gilberto Mendonça e Sra; e o Sr. Luis Artur de Paiva Barroso e Sra.

## Com o INPS

Um acidente de carro prejudicou nossa ida à Noite Cigana. Vínhamos do Galeão, onde fomos ao bota-fora de Nina Rita e Ephrem Amora. Diretor-superintendente de O FLUMINENSE, quando fomos abalroados pela ambulância do INPS — chapa IG 1969, justamente na sexta-feira às 21 horas, junto ao Fundão. Na ânsia de fugir, a ambulância ainda pegou em cheio um outro carro e aí foi aquela zorra. Acreditamos que, pelas nuances do acontecimento, a ambulância estava sendo dirigida por pessoa não habilitada, pois trafegava com a sirene desligada, nos bateu na trazeira, quando havia espaço suficiente para passar pela esquerda, já que não houve freada brusca; além de fugir, batendo ainda em outro



Ivanir, funcionária do Hospital Regional de Magé, numa pose exclusiva para a coluna e provando, também, a tese do poeta Vinicius de Moraes sobre os fundamentos da beleza. Com todos esses argumentos, sou capaz de acreditar que os índices de enfarte naquele hospital devem ter se elevado bastante.

carro. Este relato é dirigido ao INPS, do Rio, para que apure os fatos, pois o motorista da ambulância é, além do mais, um criminoso, isto porque ao tentarmos saltar para ver os estragos, tivemos de fechar rapidamente a porta permanecendo dentro do carro para não sermos atropelados.

## Reciprocidade fajuta

Antônio Pinhão da Silva, terceiro colocado no Campeonato Mundial de Pesca Oceânica recentemente realizado no México, junto com seus companheiros de equipe, Mauro Baltazar da Silva e José Jonas Mattos Filho, voltaram de lá dizendo horrores da organização, a mais falha e prejudicial possível.

Quando a sede do Campeonato é no Brasil, as entidades internacionais, no caso, americanas, exigem a perfeição em organização e o brasileiro faz de tudo para atender as exigências. La fora, entretanto, imperou o vale tudo; até lanchas a gasolina, de há muito condenadas para competição, entregaram às equipes brasileiras. Pinhão e seus companheiros representaram o Iate Clube Brasileiro.

## O coração de Alphonsus

"Razão, nada; coração, tudo", diz Luiz Alphonsus ao comentar sobre a sua exposição "Coração", que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro estará inaugurando, amanhã às 18h 30min, no 3.º andar do Bloco de Exposições. Trata-se de uma série de trabalhos, entre desenhos, pinturas e fotografuras, realizados a partir de uma "sacação de quem caiu, levantou e sacudiu trezentas vezes a poeira da invenção, de quem rompeu as amarras mas sabe como é importante o caos, de quem só vai cair porque é doce o precipício de se levantar no fogo de um sorriso de amor, até quando der ou vier", ou ainda de uma "sacação de quem deu trezentas voltas por cima, de quem foi arrancar os últimos mitos de um campo de trigo e corvos e dissolverem-se em desatino atrás do turbilhão de um Van Gogh..."

## A arte de Aquino

O pintor vanguardista Ângelo de Aquino estará sábado próximo a partir das 15 horas, no Museu Nacional de Belas Artes, Av. Rio Branco, 199, dentro da programação "Fim de Semana Com Arte", quando será entrevistado pelo crítico de Arte Francisco Bittencourt sobre seus últimos trabalhos. A entrada, como sempre, é franqueada ao público, que poderá tomar parte nos debates que se seguirão à entrevista.

## Painel

Aniversariou, domingo, Dona Dulce Leite Portugal, estimada funcionária da Secretaria de Saúde e esposa do Dr. Altamir Portugal, Chefe do Serviço de Higiene e Fiscalização Alimentar da Secretaria de Saúde e Assistência do Estado do Rio de Janeiro.

Marcado para o próximo dia 25 o casamento dos jovens Iza Maria e Hélio Abreu, na Igreja de Nossa Senhora da Luz, no Alto da Boa Vista. A noiva é filha do casal Luclnda-Luiz Aniceto de Siqueira, e o noivo de Renato de Abreu, já falecido, e de Dona Dulce Miranda de Abreu.

O professor James Tubenchlack vai coordenar o Curso de Especialização em Direito Criminal que a 16.ª Subseção da OAB-RJ vai promover, no período de 1.º de agosto a 21 de setembro. As inscrições, em número limitado, podem ser feitas na Casa do Advogado, em Niterói.

Será celebrada amanhã, às 18 horas, no Orfanato Santo Antônio, a missa de 30.º dia do falecimento de René Zauli, que em vida foi um dos grandes benfeitores daquela entidade beneficente.

Uma equipe do professor Aírton Leite está ministrando um curso de aprendizado e aperfeiçoamento de natações na Associação Médica Fluminense. Crianças a partir dos três anos de idade podem se inscrever.

Luiz Carlos Moreira da Cunha é o candidato em potencial a presidente do Conselho Deliberativo do Clube Central.

Festejando hoje, suas Bodas de Prata o casal Laura e João Gomes de Mello, da sociedade de Maricá. Haverá missa, às 19 horas, na Igreja de Nossa Senhora do Amparo. João Mello é membro do Rotary Clube, local.

## Ciganas na noite

A Noite Cigana reuniu na "Boite Aquarius" animado grupo de casais em noite das mais movimentadas, onde se destacava a presença feminina com seus trajes coloridos: a maioria das mulheres compareceu a caráter.

O conjunto Violinos de Paris não teve muita chance em sua apresentação tal a alegria reinante. Mesmo assim deu o recado, seguindo a festa na base da discoteca.

Entre os presentes, Sheila e Antônio Bittencourt; Nair (sempre elegante) e Belizário Godoy; Thelma e Carlos Augusto Bittencourt Silva, Francisco e Moema Fuscald, Felicianinha e Jayme Farah; Iná e Arnaldo Ramalho Filho; Robson de Barros e Sra; Mariusa e Hugo Baranda, que comandou a festa; Cláudio Gentil com a namoradinha Maria Del Pilar del Rio Navarrete; Terezinha Rodrigues e o noivo Sérgio Galindo Moreira; Carla Meyer Ramalho; e Elizabeth de Fátima Souza.

## Denise-Ricardo

Na Igreja de Santa Margarida Maria, no Rio, casaram-se os jovens Denise e Ricardo. A noiva, filha do casal Evilácio Ferreira Jardim-Edna Torres Jardim, família das mais distintas da sociedade carioca; o noivo, do Desembargador José Argeo Cruz Barroso, já falecido, e da Sra. Hercília da Silveira Paiva Barroso, das mais prezadas e benquistas famílias da sociedade niteroiense. Paranimfaram, por parte da noiva, o Sr. Reinaldo de Paiva Barroso e a Srta. Edna Alves Coelho; o Sr. Johnson Andrade dos Santos e Sra; o Sr. José Carlos de Paiva Barroso e Sra; o Sr. Gilberto Mendonça e Sra; e o Sr. Luís Artur de Paiva Barroso e Sra.

## Com o INPS

Um acidente de carro prejudicou nossa ida à Noite Cigana. Vinhamos do Galeão, onde fomos ao bota-fora de Nina Rita e Ephrem Amora, Diretor-superintendente de O FLUMINENSE, quando fomos abalroados pela ambulância do INPS — chapa IG 1969, justamente na sexta-feira às 21 horas, junto ao Fundão. Na ânsia de fugir, a ambulância ainda pegou em cheio um outro carro e aí foi aquela zorra. Acreditamos que, pelas nuances do acontecimento, a ambulância estava sendo dirigida por pessoa não habilitada, pois trafegava com a sirene desligada, nos bateu na trazeira, quando havia espaço suficiente para passar pela esquerda, já que não houve freada brusca; além de fugir, batendo ainda em outro



*ivanir, funcionária do Hospital Regional de Magé, numa pose exclusiva para a coluna e provando, também, a tese do poeta Vinicius de Moraes sobre os fundamentos da beleza. Com todos esses argumentos, sou capaz de acreditar que os índices de enfarte naquele hospital devem ter se elevado bastante.*

carro. Este relato é dirigido ao INPS, do Rio, para que apure os fatos, pois o motorista da ambulância é, além do mais, um criminoso, isto porque ao tentarmos saltar para ver os estragos, tivemos de fechar rapidamente a porta permanecendo dentro do carro para não sermos atropelados.

## Reciprocidade fajuta

Antônio Pinhão da Silva, terceiro colocado no Campeonato Mundial de Pesca Oceânica recentemente realizado no México, junto com seus companheiros de equipe, Mauro Baltazar da Silva e José Jonas Mattos Filho, voltaram de lá dizendo horrores da organização, a mais falha e prejudicial possível.

Quando a sede do Campeonato é no Brasil, as entidades internacionais, no caso, americanas, exigem a perfeição em organização e o brasileiro faz de tudo para atender as exigências. La fora, entretanto, imperou o vale tudo; até lanchas a gasolina, de há muito condenadas para competição, entregaram às equipes brasileiras. Pinhão e seus companheiros representaram o Iate Clube Brasileiro.

## O coração de Alphonsus

"Razão, nada; coração, tudo", diz Luiz Alphonsus ao comentar sobre a sua exposição "Coração", que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro estará inaugurando, amanhã às 18h 30min, no 3.º andar do Bloco de Exposições. Trata-se de uma série de trabalhos, entre desenhos, pinturas e fotografuras, realizados a partir de uma "sacação de quem caiu, levantou e saadiu trzentas vezes a poeira da invenção, de quem rompeu as amarras mas sabe como é importante o caos, de quem só vai cair porque é doce o precipício de se levantar no fogo de um sorriso de amor, até quando der ou vier", ou ainda de uma "sacação de quem deu trzentas voltas por cima, de quem foi arrancar os últimos mitos de um campo de trigo e corvos e dissolverem-se em desatino atrás do turbilhão de um Van Gogh..."

## A arte de Aquino

O pintor vanguardista Ângelo de Aquino estará sábado próximo a partir das 15 horas, no Museu Nacional de Belas Artes, Av. Rio Branco, 199, dentro da programação "Fim de Semana Com Arte", quando será entrevistado pelo crítico de Arte Francisco Bittencourt sobre seus últimos trabalhos. A entrada, como sempre, é franqueada ao público, que poderá tomar parte nos debates que se seguirão à entrevista.

## Painel

Aniversariou, domingo, Dona Dulce Leite Portugal, estimada funcionária da Secretaria de Saúde e esposa do Dr. Altamir Portugal, Chefe do Serviço de Higiene e Fiscalização Alimentar da Secretaria de Saúde e Assistência do Estado do Rio de Janeiro.

**Marcado para o próximo dia 25 o casamento dos jovens Iza Maria e Hélio Abreu, na Igreja de Nossa Senhora da Luz, no Alto da Boa Vista. A noiva é filha do casal Lucinda-Luiz Aniceto de Siqueira, e o noivo de Renato de Abreu, já falecido, e de Dona Dulce Miranda de Abreu.**

O professor James Tubenclack vai coordenar o Curso de Especialização em Direito Criminal que a 16.ª Subseção da OAB-RJ vai promover, no período de 1.º de agosto a 21 de setembro. As inscrições, em número limitado, podem ser feitas na Casa do Advogado, em Niterói.

**Será celebrada amanhã, às 18 horas, no Orfanato Santo Antônio, a missa de 30.º dia do falecimento de René Zaull, que em vida foi um dos grandes benfeitores daquela entidade beneficente.**

Uma equipe do professor Airton Leite está ministrando um curso de aprendizado e aperfeiçoamento de natação na Associação Médica Fluminense. Crianças a partir dos três anos de idade podem se inscrever.

**Luiz Carlos Moreira da Cunha é o candidato em potencial a presidente do Conselho Deliberativo do Clube Central.**

Festejando hoje, suas Bodas de Prata o casal Laura e João Gomes de Mello, da sociedade de Maricá. Haverá missa, às 19 horas, na Igreja de Nossa Senhora do Amparo. João Mello é membro do Rotary Clube, local.

Reportagem de Paulo Simões

# Um sonho que se realiza cantando no Olympia

**Paulinho é bom de cuca e sabe tudo de ciúme**

Ela teve todos os seus discos lançados na Europa, porém ainda queria mais. E conseguiu. Voltou ao Brasil e pretende, além de trabalhar muito seu último LP — "Meia Noite" —, mostrar o que aprendeu na Europa, num "show" em teatro.

todas as noites. O Baden Powell viu várias vezes o espetáculo, até cantei com ele o Samba em Prelúdio, a pedido do público. O Martinho da Vila, que também estava se apresentando por lá, apareceu para dar uma força. Só não prolongamos mais a temporada porque ia haver uma festa em Portugal, no lançamento de "Gabriela" na TV portuguesa, e a Globo nos contratou para fazermos o "show".

Além das apresentações ao vivo, os três apareceram em diversos programas de televisão. Em "Le Cou de Coeur", um dos líderes de audiência na televisão francesa, Maria Creusa recebeu o prêmio de revelação feminina estrangeira. O trio brasileiro esteve sempre em destaque, mesmo aparecendo ao lado de grandes carlazes como Mireille Mathieu e Annie Girardot. "Le Figaro", cujos críticos são considerados os mais exigentes da Europa, elegeram o espetáculo do Olympia como o melhor do ano, até agora. Tudo isso fez de Maria Creusa uma cantora de prestígio internacional, e os convites são muitos, para que volte à Europa no segundo semestre. No entanto, ela pretende pensar com muita calma, antes de aceitá-los, pois não quer negligenciar seu papel de mãe e esposa. Casada com Antônio Carlos há 12 anos, os dois formam um casal bastante ajustado, talvez pelo fato de insistirem em separar suas carreiras.

"Somos marido e mulher, "mesmo", aqui em casa. Não tem nada a ver misturarmos a nossa vida artística, porque o Antônio Carlos e o Jocaí começaram primeiro, formam uma dupla bem ajustada, e têm um repertório diferente. Pode ser por isso que nosso casamento está dando tão certo, e nossos filhos, Luana, Carlinhos e Marcos, so têm razões para curtirem a profissão dos pais. Também criamos um irmão do meu marido, o Roberto, e se qualquer um deles quiser entrar para a vida artística, nós vamos dar o maior apoio.

Minha filha está estudando balé, um dos garotos estuda violão. Ter muitos artistas dentro de casa é ótimo, desde que não misturem seus problemas. Ai, é como diz Antônio Carlos: se o sucesso entrar por aquela porta, nós saímos pela outra."

De repente, ela abandona o assunto família, e volta a ser apenas a profissional, a Maria Creusa preocupada com seus dois novos discos. Um deles, a gravação ao vivo do "show" no Olympia, que vai ser lançado em vários países, contendo canções antigas como "Você Abusou" e "Eu Sei que Vou Te Amar" (as mais aplaudidas do espetáculo), ao lado de outras mais recentes, incluídas no filme "Otília da Bahia", de Marcel Camus, o mesmo diretor de "Orfeu Negro". Mas é o LP "Meia-Noite", gravado e já lançado no Brasil, que mais lhe interessa, agora.

Paulinho Soares iniciou o que ele chama de "prostituição musical" no apogeu do Festival Internacional da Canção, com a música "Quebra Cabeça" interpretada por Antônio Adolfo e a Brasuca. Como essa primeira experiência foi satisfatória, Paulinho passou a se inscrever nos outros festivais. Sua música "Kiriê", de parceria com Marcelo Silva, foi a vencedora da fase nacional do FIC de 71 e, daí para frente, quase todas as suas composições se transformaram em sucesso.

No compacto simples, "Tira Teima", que a Continental está lançando, Paulinho preferiu não gravar seus antigos e nem recentes sucessos.

"Talvez a minha grande experiência em compor "jingles" faça com que eu tenha facilidades em compor músicas de sucesso. Eu me lembro de "Elizabeth", "Bate Boca", "Sabe o que Se Faz" e mais recentemente "Antes Ele do que Eu" como os meus maiores sucessos. No entanto, nesse disco não tinha nada a ver eu gravar coisas que já foram sucesso, nós precisamos fazer outros sucessos. Em "Tira Teima" tenho uma mensagem a transmitir e se eu gravasse músicas antigas não poderia transar isso. Por exemplo, no disco eu conto a história de uma mulher muito ciumenta que me proibe de cantar e dizer as coisas que nós queremos." (Reportagem de Paulo Macedo)



O nome de Maria Creusa, junto com o de Vinicius de Moraes e o de Toquinho no Teatro Olympia de Paris.



Maria Creusa, agora, quer se apresentar num teatro do Rio.

**M**ARIA Creusa não está cabendo em si de contente. Ela realizou, recentemente, um sonho, que quase todas as cantoras brasileiras alimentam, secretamente ou não: ver o seu nome na fachada do Teatro Olympia, em Paris. Isso aconteceu no mês passado, durante a excursão que fez com Vinicius de Moraes e Toquinho à Europa, com apresentações na Itália, França e Portugal. E, de quebra, teve a satisfação de ser elogiada pela imprensa estrangeira, com o "France Soir" e "Le Figaro" exaltando sua voz "terna e sensual", ou o seu sorriso "capaz de derreter "icebergs". Apesar de toda a receptividade que obteve, a cantora baiana prefere encerrar a experiência como um precioso aprendizado profissional.

"Passei 40 dias fora, com o Vinicius e o Toquinho. Fizemos as principais cidades da Itália, como Milão, Florença, e Bolonha, e então fomos para Roma. Ficamos cinco dias no Teatro Sistina, que sempre dá a maior cobertura à música brasileira. Essa temporada foi muito boa para mim, porque me abriu uma porta e, além disso, eu estava muito bem assessorada. O empresário foi o Franco Fontana, que trabalha, habitualmente, com artistas brasileiros na Europa, e ele é ótimo. Não é nem um pouco complicado, como os empresários que estamos acostumados a encontrar por aqui. Bem, depois da Itália, fomos a Paris, que me deu ainda mais alegria, pois foi a primeira vez que me apresentei no Olympia. E para se fazer uma idéia do sucesso do nosso "show", vamos ficar oito dias, e acabamos por ficar doze. A maioria dos brasileiros que moram em Paris deve ter ido lá, mas dava para sentir que a maior parte da platéia era de franceses. O teatro estava cheio



# NARA LEÃO

## Para ela seus amigos são um barato

Um ano e meio depois de ter lançado seu último disco, Nara Leão voltou a gravar "Meus Amigos São um Barato", título do LP que tem seu lançamento marcado para 1.º de julho, é um apanhado de músicas de consagrados compositores, entre os quais Chico Buarque de Holanda, Tom Jobim, Gilberto Gil, Erasmo Carlos, Sivuca, Dominginhos, Edu Lobo e Caetano Veloso.



**S**OBRE seu último trabalho, "Meus Amigos São um Barato", Nara Leão fala com entusiasmo, destacando sobretudo os compositores que participaram do mesmo. Mas ela não está preocupada com o sucesso de seu disco, pois canta porque gosta, "porque sinto necessidade de dizer as coisas, não porque desejo aplausos ou ganhar dinheiro". Depois de ter cantado oito anos seguidos, Nara — que foi considerada a "musa da bossa-nova" — resolveu levar "uma vida mais pacata de dona-de-casa e mãe".

### CACÁ NÃO IMPÔS AFASTAMENTO

Casada com o cineasta Carlos Diegues (Cacá), desde 67, ela nega que seu afastamento do mundo artístico tenha sido por influência do marido, como afirmam muitos. "Cacá jamais me imporia uma condição no sentido de tolher minha carreira, assim como nunca interferi em sua vida profissional. Cada um na sua, mas sem permitir que a vida familiar seja afetada." Explicando a diminuição no ritmo de suas atividades artísticas, ela confessa que jamais se sentiu uma cantora no sentido estrito da palavra, ou seja, "em condições de assumir totalmente a profissão como o público

quer, exige e necessita. Canto quando gosto, porque gosto e o que quero". Essa posição é coerente com suas atitudes, uma vez que ela não quis aceitar a condição de "mito" que tentaram lhe impor. Embora se transformasse num dos maiores cartazes da música popular brasileira, ela preferiu se ausentar por uns tempos dos palcos e da TV, passando a se dedicar mais ao marido e aos filhos. "Sou contra o fato de crianças serem deixadas com babás. Acho indispensável a presença dos pais na criação dos filhos para que, mais tarde, não surjam neuroses e frustrações." Mas, apesar de se limitar a algumas gravações de discos e esporádicas apresentações, Nara Leão mantém seu público e o mesmo estilo de cantar.

### A MÚSICA ACABOU PREVALECENDO

Filha do advogado Jairo Leão, Nara nasceu em Vitória, num dia 19 de janeiro. Ainda menina, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde pretendia ser jornalista, embora a música fosse sua maior paixão. Mais tarde, nos Estados Unidos, estudava Sociologia quando a idéia surgiu, como diz, "de estalo": seria cantora profissional. Aos 15 anos, integrando a equipe de Roberto Menescal, gravava seu primeiro disco,



EDU LOBO CAETANO VELOSO SIVUCA

### Os compositores falam de Nara Leão

#### EDU LOBO

"Nara Leão tem uma importância muito grande dentro do cenário musical brasileiro, pelo trabalho completo que realiza. A escolha das canções e o sentido que existe nelas sempre mereceram especial atenção dela. Nara é muito mais ligada no que dizem as músicas que interpreta, do que propriamente no resultado que elas terão nas paradas de sucesso."

#### CAETANO VELOSO

"Nara Leão é o maior "barato", que "pintou" dentro da música popular brasileira."

#### SIVUCA

"Nara Leão como pessoa e como cantora foi uma surpresa para mim, pois somente na gravação desse LP é que fui conhecê-la pessoalmente. É uma pessoa muito simples, que não dificulta o trabalho de ninguém e faz as coisas parecerem mais fáceis. Tem uma voz linda e uma personalidade marcante."

"A Marcha da 4.ª-Feira de Cinzas", de Carlos Lira e Vinicius de Moraes. Seus sucessos são inúmeros, estando entre esses "Carcará", "Plantar para Dividir", além de reviver "Patrão o Trem Atrasou". Sua projeção, entretanto, se deu defendendo e tornando vitoriosa "A Banda", de Chico Buarque, no festival de música da TV Record de São Paulo. Seu nome está ligado à maioria dos movimentos vanguardistas da música popular brasileira, como a bossa-nova, onde foi um dos grandes destaques com seu "estilo moderninho". Para muitos, entretanto, ela sempre foi uma cantora acomodada, o que não é verdade, haja vista sua ligação com movimentos e compositores inovadores da MPB, e o fato de, no início de sua carreira, ser tachada de cantora-protesto.

### "AGORA QUERO SER EU MESMA"

Passada essa fase, declarou estar cansada da vida agitada de artista — obrigada a passar grande parte de seu tempo dentro de aviões e hotéis —, ela se encontrou: "Não me preocupam mais as badalações em torno do meu nome, como a "musa da bossa-nova", a "precursora do canto moderninho", etc. Agora quero ser eu mesma, a Nara que sempre fui, a Nara que está em mim."

### BOSSA-NOVA



Embora tenha diminuído o ritmo de sua carreira, Nara Leão (foto acima, com Astrud Gilberto) não perdeu seu público.

### FESTIVAIS



### CASAMENTO



Assim como Chico Buarque de Holanda, Sidnei Miller e o MPB-4, Nara se transformou num dos maiores cartazes da música popular brasileira da última década.

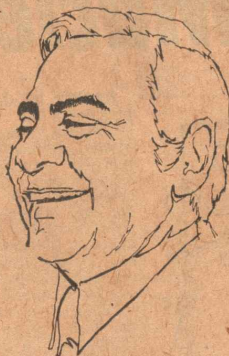
O casamento com o cineasta Carlos Diegues, em 67, não foi o motivo de seu afastamento da vida artística: ela achou que era o momento de se dedicar a outras atividades.

### HOJE



Em 75, mais um fato significativo na vida de Nara: o vestibular. Hoje ela é a aluna mais famosa do terceiro ano de Psicologia da PUC do Rio de Janeiro.

7 | 7 | 77



Pitanguy: "well and alive".

### O "assassinato" do Dr. Pitanguy

Diante da onda de boatos que corre a Europa, dando conta de que ele teria sido assassinado, o Dr. Ivo Pitanguy resolveu ligar ontem da Suíça, para a sua filha Gisela, esclarecendo o assunto: está vivinho da silva, tanto que acaba de vencer um torneio de tênis em Gstaad. Ao lado de sua mulher, Marilu, Pitanguy retorna ao Rio na próxima segunda-feira, depois de participar da primeira missão científica brasileira a visitar a China e de fazer conferências em Istambul.

● ● ●  
**O** sucesso do "Seis e Meia" no Teatro João Caetano alcança o Canecão. Como só em meados de setembro deverá estrear o show com Chico Buarque, Tom, Vinicius, Toquinho e Miúcha, a casa prepara-se para lançar dia 14 o "Nove e Trinta", dirigido por Sérgio Cabral e Ronaldo Böscoll. Os dois vão reunir as duplas que se apresentaram na Praça Tiradentes, em grupos de seis artistas de cada vez, modificando-os a cada 15 dias. O primeiro elenco incluirá Roberto Ribeiro, Lécy Brandão, Carlos Lyra, Alcione, Lúcio Alves e Doris Monteiro.  
• Termina no último dia deste mês o "Pássaro da Manhã", que mantém Maria Bethania, desde janeiro no Teatro da Praia, com casas invariavelmente lotadas. Da mesma forma, "Entre Quatro Paredes" encerra dia 31 sua brilhante temporada no Teatro do Senac, porque a casa entrará em obras e os artistas do elenco têm outros compromissos assumidos anteriormente.

CARLOS SWANN

Vinicius e Marais

Compositor, cantor e radialista, ele fala sem saudades, mas com entusiasmo, de sua carreira que se confunde com a própria vida da música popular brasileira. Com 25 anos de rádio, o aluno de Lorenzo Fernandez e Heckel Tavares foi o primeiro parceiro de Vinícius e um dos precursores da Bossa Nova. Atualmente é o responsável pelo setor de música do Projeto Minerva

ANTONIO LIMA

Aos 64 anos de idade, Paulo Tapajós acaba de completar 50 anos de dedicação à MPB, numa carreira de compositor, cantor e radialista, que se impôs pela tarefa de amparar essa música, iniciada na época em que o Rio Usava lâmpião de gás e quem tocava violão era mal visto.

Pai de Paulinho (autor do internacional "Andanças"), de Maurício ("Mudando de conversa") e de Dorinha (do Quarteto em Cy), sem querer Paulo Tapajós foi um dos precursores da Bossa Nova.

Amigo e primeiro parceiro de Vinícius de Moraes, aluno e companheiro de gente famosa como Lorenzo Fernandez e Heckel Tavares, Paulo Tapajós fala da evolução da MPB e do rádio brasileiro, que ajudou a implantar com a rádio Sociedade e a dar novos rumos, através de 25 anos de Rádio Nacional.

Paulo fala também de sua vida rica em experiências musicais e de suas atuais atividades como criador do setor de música do Projeto Minerva e das pesquisas para a TV Globo, para a série "Levanta a poeira", a estreiar breve.

## Ópera, modinha, bossa nova: são 50 anos de Paulo Tapajós



Com o violão, o fiel companheiro

**O** Rio era muito diferente. A luz era de gás e havia dois teatros, o Municipal e o Teatro Lírico, no Taboleiro da Baiana. Meu pai era crítico de teatro e por ser eu o filho mais velho, costumava me levar às matinees. Eu voltava para casa assobiando arias das óperas e comecei a me relacionar com a música. Além disso, nossa casa era freqüentada por artistas, os cantores estrangeiros que vinham ao Rio acabavam aparecendo por lá. Não posso dizer com segurança, mas tenho quase a certeza de que o Caruso jantou lá, uma noite.

Não se nota saudade e nenhuma emoção na voz de Paulo Tapajós, quando ele conta o começo de sua vida, que se mistura à própria vida da MPB e ao rádio, que acompanhou desde o início. Há, sim, entusiasmo, quando ele conta seus estudos de piano, uma espécie de complementação do currículo escolar, que as famílias impunham aos filhos.

— Eu tinha certa audácia para tocar piano, mas aos poucos descobri que ele dava poucas condições. Além disso, era um estudo maçante e comecei a me interessar pelo violão.

Agora ele está à vontade para contar o episódio da tia Odalina, paulista, muito rica, excelente pianista e que viera ao Rio trazendo um violão, pelo qual Paulo se apaixonou.

— Isso foi na década de 20, quando o rádio apareceu, influenciando os hábitos das pessoas. Não sei se todo o mundo queria tocar violão, mas eu queria. Apanhava o violão da tia Odalina, ia estudando a posição dos dedos e descobrindo as notas. Ao voltar para São Paulo, ele me falou: "Você fica com o violão. Quando eu voltar de novo, se você já souber tocar, o violão é seu".

A proposta mexeu com os brios do menino Paulo. A mesada de cinco mil réis foi gasta na compra do método "O Capadocio", com o qual ele se trancava no quarto para estudar violão sem mestre. Mas em apenas cinco dias o método estava aprendido e ele começou a tocar por conta própria. Apanhou os livros de poesias do pai, adaptou algumas delas e uma canção portuguesa e, tempos depois, quando a tia Odalina voltou ao Rio, ganhou não apenas o violão: foi aplaudido pelo pai emocionado e pelos irmãos Haroldo e Oswaldo, que decidiram trocar os estudos de piano pelo de violão.

### Um trio agora profissional: Haroldo, Paulo e Vinícius

Poucos compositores foram tão prestigiados ao lançarem sua primeira música. Em 1927, Paulo compôs a modinha "Meu bem", e cantou para o pai, que fez os versos. Fez mais, ainda: levou-o à casa de Henrique Osvaldo — maestro, compositor — escreveu a partitura. Em seguida, foram à editora Vieira Machado, que encomendou a capa ao desenhista J. Carlos. Paulo Tapajós informa que não tem a partitura, mas há tempos, com orgulho, viu sua música anunciada no catálogo de uma editora, "sinal evidente de que ainda é comprada".

A Rádio Sociedade foi a primeira emissora brasileira e serviu de veículo para a estreia do cantor Paulo Tapajós. Ele e os irmãos atravessavam uma fase difícil, de mudança de voz, mas por volta dos 15 anos formavam um trio que cantava emboladas, recurso descoberto por ele para não comprometer a afinação.

Corbiniano Vilaça, barítono e diretor da rádio ouviu uma série de emboladas na casa deles e convidou para cantar na emissora.

Os ídolos do público eram Patrio Teixeira, Gastão Formenti e Chico Alves mas o trio Irmãos Tapajós fez sucesso.

Em 1932, quando gravou o primeiro disco na Columbia, levado pelo diretor Moacir Fenelon, o trio se modificou. Paulo conta:

— O Osvaldo se negou a ir ao estúdio, com medo de desafinar e para evitar uma "desfeita" ao Fenelon, tive uma ideia. Entre nossos amigos de calçada, namoros e cantorias havia um rapaz inteligente, bom poeta e com o qual eu havia feito a música "Loura ou morena", muito solicitada pelos ouvintes da rádio. Não tive dúvidas e chamei o amigo, que concordou em participar do trio, agora com esta formação: Paulo e Haroldo Tapajós e Vinícius de Moraes.

Paulo é solícito e vai desfilar recordações:

— Não podíamos continuar só com aqueles rudimentos de música e a partir de "Loura ou morena", o trio tornou-se profissional. Tínhamos convites para cantar

nos Estados, gravações de discos e não dava para conciliar os estudos de Arquitetura com a música. Cheguei a me matricular no curso de Arquitetura, mas decidi estudar música e canto a sério. Fui aluno de Lorenzo Fernandes até a morte dele e estudei canto com Riva Pasternack (escola russa) e Cecília Rudge (escola francesa). Havia muito professor de música italiana, da qual eu não gostava, por ser muito gritada. Preferi aquelas duas escolas, bem mais doces e românticas, mais de acordo com meu temperamento.

— Mas a vida exige da gente mais coisas do que a vocação manda. Já estava casado com a Norma, tinha obrigações e entrei para a Aeronáutica, que na época chamava-se Comissão Fiscal de Obras do Aeroporto. Dei quase uma parada com a música, até que a vocação falou mais alto e voltei. Trabalhei em todas as emissoras cariocas, até que surgiu a Rádio Nacional. Lá, me tornei, verdadeiramente, um profissional da MPB.

### Um milhão de melodias nos anos dourados da Nacional

Paulo Tapajós começou na Rádio Nacional em janeiro de 1943, como cantor, no programa "Um milhão de melodias". Foi assistente do departamento artístico, diretor artístico e diretor musical, função na qual se aposentou em 1968. Tendo acompanhado toda a evolução do rádio, conta que a Nacional deu um sentido novo à MPB, ao próprio rádio e a ele próprio, que como artista, passou por várias modificações.

— A emissora dava condições de trabalho e o artista podia fazer o programa que quisesse, dentro da concepção que quisesse. Quando me tornei produtor de programas, notei que meu nome

estava em jogo e a função também, pois precisava procurar uma abertura maior para o sucesso das realizações. Tinha que criar novas oportunidades e abrir campo para outros artistas.

Assim, criou o Trio Melodia — formado por ele, Nuno Roland e Albertinho Fortuna — a Turma do Sereno, para instrumentistas, destinado a recuperar o acervo da MPB, além de outros.

— O programa "Quando os maestros se encontram" permitia um confronto musical de várias tendências e o arranjador era a vedete, Radamés Gnattali, Lirio Panicelli, Alceu Bochino e outros, jamais tiveram limitada a duração de seus programas. Por isso punham alma no que faziam.

— Com o prestígio do público, a Nacional passou a se ligar aos acontecimentos. Evoluiu junto com as necessidades de comunicação. Isto que os jovens aprendem hoje na escola, a gente construiu na prática: departamento artístico, de rádio teatro, de jornalismo e de esportes. Criamos nossa redação, equipes de repórteres, de redatores e importamos equipamento para ir ao encontro com a notícia.

— Por que tudo isso acabou? Bem, a gente queria dar tudo ao público e fazia aquilo com amor. Nosso erro foi esse: éramos empregados, mas nos sentíamos donos da emissora.

7/7/77

## Roda-viva

- Jorge Guinle recebeu anteontem no Bella Blu para um almoço de despedidas a Odile Marinho, que partiu ontem para Paris com Paulo, o marido. De lá, vão também a Genebra, Madri e Londres.
- Mesa de quatro, anteontem, no jantar do The Fox: Ministro e Sra Nascimento Silva com o ex-Ministro e Sra Severo Gomes.
- Martinha e Vinicius de Moraes abriram ontem a casa para uma dupla festa de aniversário, o de Toquinho e o de Regina Marques da Costa.
- Chega ao Rio no sábado o presidente da Academia Norte-Americana de Ortopedia, Dr Rocco Calandrucio, dono da Campbell Clinic e um dos maiores nomes mundiais da especialidade. Vem para o Congresso Latino-Americano de Ortopedia, semana que vem, e fica hospedado em casa de seu colega brasileiro Nathan Breitman.
- O banqueiro Manuel Bulhosa consumou a compra de 50% das ações do Banco Pinto Magalhães.
- O restaurante Rive Gauche inaugura no final do mês seu bar, Byblos, no segundo andar da casa.
- Flora Purim e Aírto Moreira comprando uma casa em Maricá, onde pretendem passar três meses por ano.
- Está chegando ao Rio o novo correspondente do The New York Times, David Vidal, porto-riquenho de origem, casado com uma brasileira.
- A bailarina Nora Esteves escreveu a amigos brasileiros confirmando sua temporada com o Balé Contemporaneo de Paris, em abril do ano que vem, no Chile, Venezuela e Brasil.
- A partir do dia 14, o Canecão passará a apresentar um show de Seralo Cabral e Ronaldo Bôscoli, Nove e Meia, no mesmo estilo do Seis e Meia, que tanto sucesso tem feito no João Caetano. Furou a idéia de remontar por uns dias o show feito por Chico Buarque, Milton Nascimento e Francis Hime na TV-Bandeirantes.
- Vera e Anacir Ferreira de Abreu estão convidando para o cocktail que oferecem sábado em sua residência de Belo Horizonte.

ZÓZIMO BARROZO DO AMARAL

Vinicius

7 / 7 / 77

RÁDIO

ORESTES BASTOS

**IBOPE da mediocridade**

DENTRO dos parâmetros em que se estabeleceram os programas de rádios aqui no Rio, fica provada a falta de capacidade para manter programas com criatividade diversificada. O que importa é disputar a faixa de ouvintes dos mesmos tipos estereotipados de programa. No momento, o que se ouve é simplesmente a disputa através de prêmios distribuídos (?) em concursos que eu nem quero pensar qual o critério utilizado. Daqui a pouco ouviremos até mesmo locutores esportivos distribuindo prêmios para quem souber quem vai marcar os gols das partidas. Isso tudo é muito ridículo, mas é verdade.

OSWALDO MOREIRA está substituindo o Paulo Lopes, que no momento curte suas merecidas férias. Oswaldo, como se sabe, é bom espiquer esportivo o que facilita sua maleabilidade para enfrentar um programa como o de Lopes. Pelo que se vê, o nível do programa deve estar muito incrementado, apesar da falta do seu titular.

Herminio Bello de Carvalho, na sexta-feira, estará entrevistando dois australianos cobras em música brasileira. Mas não fica só nisso o programa Água Viva (TV-E, Canal 2). Os dois executam Bonfá, Vinícius, Tom Jobim e músicas por eles mesmos elaboradas. No programa também estará a lindíssima (de voz e de plástica) Lúcia Lins, falando inclusive que gosta de seus trabalhos gravando jingle em detrimento de uma carreira de cantora, que realmente ela já teria atingido devido a capacidade artística que tem.

MIUDINHAS & VARIADAS — Por pouco não ocorreu uma catástrofe no departamento de jornais falados da Tupi. Graças ao bom senso de seus diretores, foiebelada a tragédia! Forças ocultas tentaram derrubar o editor Paulo Galante, mas não conseguiram. — Correspondência para Rua da Relação, 55/211.

Vinícius

# Um show O jogo do proíbe-não proíbe

A solidariedade de artistas e intelectuais ao movimento para a obtenção de verbas para a 29.ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), continua tão ativa quanto a disposição dos organismos oficiais em não ajudarem a SBPC. O ginásio do Ibirapuera foi oficialmente vetado como local do show da próxima segunda-feira, que teria a participação de artistas como Chico Buarque, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Paulinho da Viola entre outros — e atores. No entanto, a comissão organizadora praticamente já acertou o aluguel do ginásio da Portuguesa de Desportos — o contrato será assinado hoje de manhã — e a data de segunda-feira foi mantida para o espetáculo. Curioso é que apesar das pressões de setores oficiais, o Serviço de Censura de Diversões Públicas da Polícia Federal liberou o roteiro do show.

A declaração da censura federal refere-se ao show do ginásio do Ibirapuera — oficialmente designado como Conjunto Desportivo Vaz Guimarães — mas, os organizadores acreditam que a transferência para o ginásio da Portuguesa não trará problemas, pois o roteiro será mantido.

A Secretaria de Esportes e Turismo distribuiu avisos à imprensa que o ginásio do Ibirapuera não havia sido alugado para nenhum show na próxima segunda-feira (ver fac-símile do telex).

Uma das organizadoras da promoção, a empresária e atriz Ruth Escobar, afirmou que o Ibirapuera havia sido vetado "por ordens superiores". Ainda segundo a empresária, o show não poderá ser realizado em nenhum local de propriedade do governo, e explicou que uma

A censura liberou o roteiro mas o Ibirapuera foi vetado. Agora, o show será na Portuguesa

comissão formada por Henrique Suster (empresário e membro da SBPC), Sérgio Tuffic e outros artistas foram à tarde até a Portuguesa de Desportos, onde explicaram a situação e pediram a colaboração da agremiação.

Apesar de todo o empenho da Secretaria de Esportes e Turismo em avisar a tempo a imprensa, o responsável direto pelo ginásio do Ibirapuera, Ivo Bento Garcia, coordenador da CEE — Coordenadoria Estadual de Esportes — desconhecia a comunicação emitida pela assessoria de imprensa da sua secretaria.

Consultado por telefone, Bento Garcia afirmou que não recebera nenhum pedido da SBPC ou de alguma representação sua, sobre a cessão do ginásio do Ibirapuera na segunda-feira. O coordenador, embora insistisse que não houve nenhuma negativa deliberada do seu órgão em relação à promoção, foi categórico ao afirmar que também não há mais qualquer possi-

bilidade para concretizar hoje o aluguel do Ibirapuera. Suas explicações:

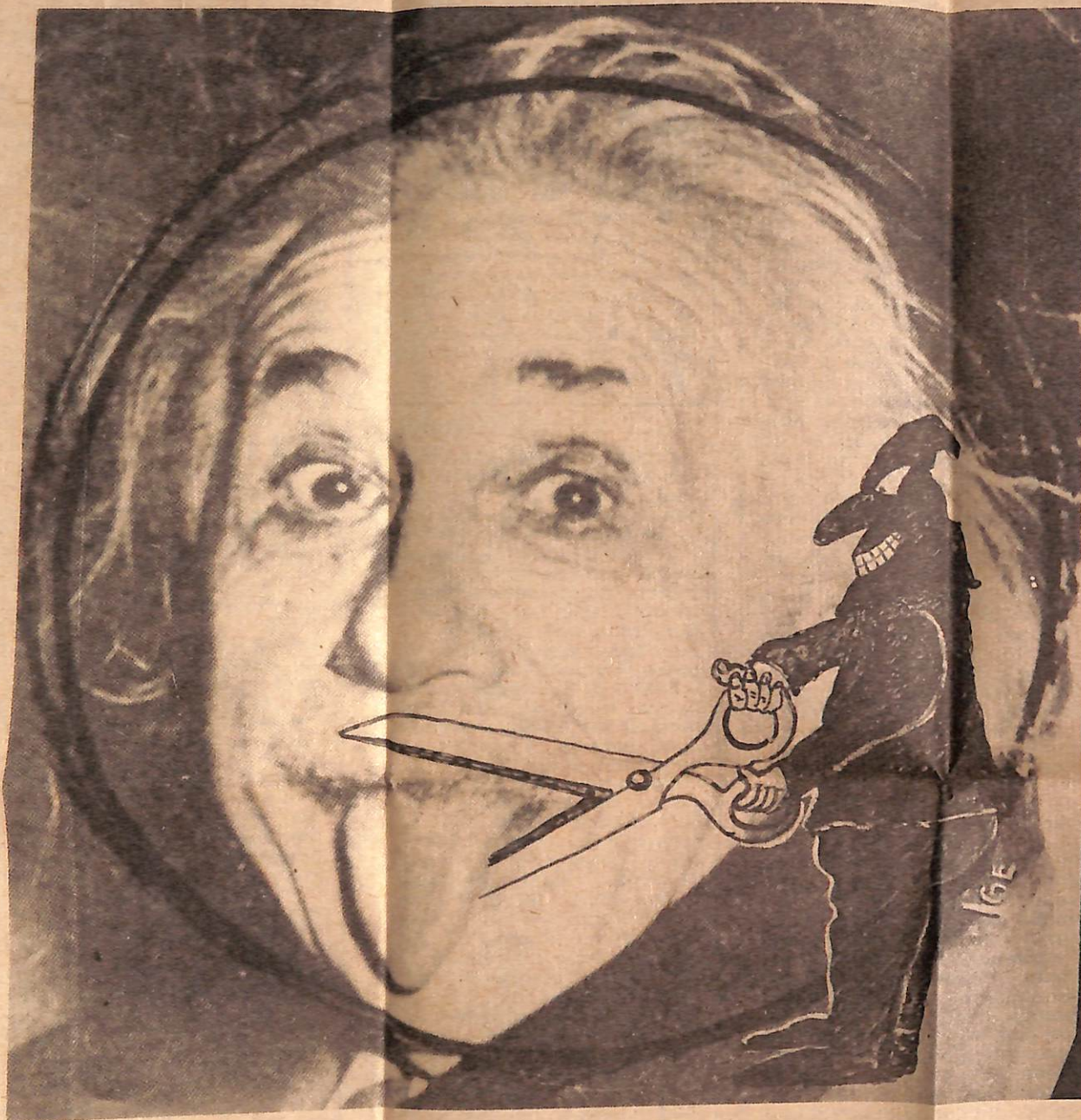
— Diariamente recebemos dezenas de pedidos para se usar o ginásio, e é claro temos que estudar todos. Tudo é programado e planejado. Além disso, estamos implantando um novo alojamento, e o sistema de som de lá está muito ruim. No último show — de Ornella Vanoni com Vinícius e Toquinho — o som não era nosso. Agora, aproveitei as reformas para pedir um estudo para a instalação de um sistema de som próprio.

A confirmação do ginásio da Portuguesa, porém, já tranquilizou os elementos da comissão de Cultura e Propaganda da reunião da SBPC, agora empenhados em confirmar a participação do maior número possível de artistas para o show de Música Popular Brasileira.

Em sua sala no casarão, onde funciona o Centro Latino-Americano de Cultura — CELAC, Ruth Escobar — cercada de atores e assessorada por sua secretária, Maria Luiza, conversava ontem à noite ao telefone:

— Então, está tudo certo. Amanhã (hoje) pela manhã a gente assina o contrato com a Portuguesa. Já telefonaram confirmando que o show pode ser realizado em seu ginásio de esportes.

Assim, todo o esquema montado para o show que seria no Ibirapuera, aparentemente será mantido para o espetáculo na Portuguesa. Os ingressos vendidos para a promoção em favor de um jornal paulista, programado para segunda-feira passada no Palácio de Convenções do Anhembi, também continuam valendo para o Show da SBPC.



## Censura corta 15 páginas da revista Paralelo

Submetidos à censura prévia, jornalistas gaúchos continuam empenhados em manter a revista "Paralelo" nas bancas e depois de dois meses de "negociações" com os censores conseguiram liberar material suficiente para imprimir o quarto número.

Da primeira leva de matérias que passaram pelo crivo oficial, caíram textos, ilustrações e quadinhos suficientes para completar cerca de 15 páginas da revista. Novo esforço dos profissionais gaúchos e a censura recebeu novos trabalhos, onde voltou a fazer cortes. Finalmente, depois da expectativa e do tempo perdido na espera dos malotes de Brasília, os editores conseguiram completar as 48 páginas tradicionais.

Na Paralelo 4, entretanto, não sairá nenhuma história em quadinhos, pois foram tesouradas as duas enviadas. Caiu também o poema intitulado "O Direito de Falar", do empresário Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro, presidente do Instituto de Desenvolvimento Empresarial do Rio Grande do Sul (Idergs) e diretor eleito da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), o que demonstra que a imprensa tem novos aliados na luta pela liberdade de expressão. E novas vítimas também. Foram censuradas ainda, poemas do jornalista Nei Duclós, do ex-vereador e jornalista Glênio Peres, conto do editor Delmar Marques, outro do jornalista José Antonio Simch, foto de Leonid Strealiev, atualmente exposto em Londres, cartum do Wilmarx e diversos outros textos, o suficiente para um quinto número da publicação.

Evilázio de Oliveira/P. Alegre

## A cultura gaúcha e o medo exagerado

A censura na "Paralelo" pegou todo mundo de surpresa, pois, desde o começo, a idéia era fazer uma pequena revista, de poucos recursos e com tiragem limitada, sem muitas pretensões a não ser aquelas colocadas na nota editorial do primeiro número: uma publicação que pensasse sobre a identidade cultural do Rio Grande do Sul — um estado, como todos os outros, em processo acelerado de destruição da memória — e que fosse um porta-voz de algumas potencialidades individuais — como conto, poesia e ensaio — que normalmente não encontravam espaço em outros meios de comunicação, por motivos puramente editoriais. Uma revista desvinculada da pressa informativa e voltada para a reflexão — não obsessiva — sobre a província, o país e o continente. A censura por isso, foi encarada como um exagero, já que "Paralelo", pelas suas dimensões, — ou mesmo por sua linha — não teria influência direta sobre os acontecimentos políticos. Mas parece que os tempos mudaram, pois Gollas substituiu o desprezo por Davi por uma desconfiança feroz. Os pequenos, na imaginação dos censores, parecem muito mais perigosos. Mesmo sem fundas, sem pedras e sem outra coisa na cabeça do que a vontade de pensar um pouquinho. — Nei Duclós

# Pode...

# ...não pode



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE SÃO PAULO  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DECLARAÇÃO Nº 095/77-SCDP/SR/SP

Em atenção ao protocolado nesta SR, sob o nº 25314 em 06 de julho de 1977, DECLARAMOS, para os devidos fins, que o "Show de Música Popular Brasileira", teve o seu roteiro liberado por este SCDP/SP e que sua apresentação pública a ser realizada no Conjunto Desportivo Vaz Guimarães - Parque do Ibirapuera, no dia 11 de julho do corrente ano está condicionada à realização do espetáculo.////

São Paulo, 06 de julho de 1977.



JOSE VIEIRA MADREIRA  
CHEFE DO SCDP/SR/SP

TEL EXP STUR 299/77 06.07.77 SPO  
ILMOS SENHORES

A DIVULGAÇÃO PELA IMPRENSA DE UMA NOTÍCIA SEGUNDO A QUAL O GINÁSIO DO IBIRAPUERA SERIA PALCO DE UM ESPETÁCULO COM A APRESENTAÇÃO DE VÁRIOS ARTISTAS DE MÚSICA POPULAR, COM DATA MARCADA PARA SEGUNDA-FEIRA, ESTA FAZENDO COM QUE CENTENAS DE PESSOAS PROCUREM ADQUIRIR OS INGRESSOS. A RESPEITO DESSE ASSUNTO, A SECRETARIA DE ESPORTES E TURISMO TEM TEM A INFORMAR QUE O GINÁSIO DO IBIRAPUERA NÃO FOI OBJETO DE LOCAÇÃO E QUE, PORTANTO O ESPETÁCULO NÃO SERÁ REALIZADO NAQUELE EDIFÍCIO.

A NOTÍCIA DIVULGADA PELA IMPRENSA DIZIA QUE PARTICIPARIAM PRESENTE A ESSE SHOW ARTISTAS COMO CHICO BUARQUE, GILBERTO GIL, EDU LOBO E OUTROS GRANDES ARTISTAS DE PRESTÍGIO POPULAR.

SECRETARIA DE ESPORTES E TURISMO  
ASSESSORIA DE IMPRENSA  
FONE. 229.3011 RAMAL 340/210  
TRANS. CLARA 06.07.77 SPO

# ACONTECE



CAUBY PEIXOTO



EMILINHA BORBA

**E**MILINHA, diminutivo do nome, superlativo da estrela", "Cauby, a grande voz masculina do Brasil", "Emilinha, o maior ídolo mítico do Brasil", "Cauby, o sucesso que apaixona", "Emilinha, eterna rainha". Assim guerreavam, cordialmente, é claro, as faixas dos dois fãs-clubes reunidos em longas filas no João Caetano esta semana. Até mesmo uma frase atribuída a este colunista ("Emilinha: patrimônio da cultura urbana"), tinha virado estandarte. Não me lembro de tê-la escrito, mas a endosso entusiasmaticamente. Afinal, estavam no palco duas das maiores majestades do sofistikitisch, das urbanóides ilusões plantadas pela Rádio Nacional para todas as Capitais brasileiras. Emilinha e Cauby conseguiram, além de expandir o consagrado horário das seis e meia (as quatro e meia da tarde as filas já enlaçavam todo o quarteirão do teatro), fazer a veterana casa mergulhar na máquina do tempo. O fiel Toninho orientava, do balcão, a colocação de profusos buquês de flores e a estratégica distribuição dos arremessadores de serpentina e papel picado. A cada revezamento de cena — ora Emilinha, ora Cauby — os aplau-

sos e gritos aumentavam. U m tentativa de Cauby, de descer à platéia, quase foi mal sucedida: as fãs o agarraram de fato. E Emilinha, rosto e busto remoçados pela plástica, desdobrava-se em trejeitos, correspondidos e até ampliados pelos frenéticos rapazes da primeira fila. Uma glória!

A inclusão de boleros, rumbas e versões, abundantes no repertório da dupla, sem dúvida quebra um tabu de exclusiva qualidade e nacionalismo da série Seis e Meia. Nesse caso, não se pode sonegar ao público da Praça Tiradentes (era ele e não o da Zona Sul que disputava lugares no Cauby-Emilinha) duplas menos ortodoxas como Nelson Gonçalves e Angela Maria e criadores menos avalizados, ainda relegados ao subterrâneo, como o indiscutível Anísio Silva, que no final dos anos 50 e início dos 60 guerreou nas paradas quase sozinho com o rock and roll e com a Bossa Nova. O baiano (sim, ele, como Waldik Soriano, também nasceu lá) Anísio sem dúvida influenciou Roberto Carlos e criou um estilo intimista para o bolero nacional. Aos que duvidam da existência e legitimidade do hibridismo, ouçam E por Falar em Saudade, belíssimo, de Vinicius de Moraes, na voz de Cauby.

Vinicius



Sérgio Cabral entrevista Nara Leão, iniciando o ciclo da bossa nova. O próximo deverá ser Roberto Menescal

# A bossa cansou de ser nova. Agora é eterna.

QUEM DIRIA! A MUSA DA BOSSA NOVA PRESTANDO DEPOIMENTO PARA A ETERNIDADE? — NO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, LEMBRANDO COISAS QUE PARECEM TÃO PRÓXIMAS. NARA LEÃO, COM A MEMÓRIA UM

POUCO FRACA, É VERDADE, DISSE QUE NÃO FOI A MUSA. "EU FUNCIONAVA PARA O GRUPO COMO UMA ESPÉCIE DE COMPUTADOR... SABIA TODAS AS MÚSICAS DE COR MAS NINGUÉM, NUNCA, ACREDITOU EM MIM".

**N**A tarde de terça-feira, no Museu da Imagem e do Som, Nara Leão gravou para a posteridade o seu depoimento. Em duas horas de papo com os entrevistadores, João Vicente Salgueiro, diretor do Museu, Sérgio Cabral, estudioso e autor de livros sobre a música popular brasileira e Roberto Menescal, amigo de infância, músico e um dos responsáveis pelo som da bossa nova, Nara Leão respondeu com objetividade e bom-humor sobre a sua participação nos movimentos musicais, da bossa nova ao tropicalismo.

Uma coisa ficou patente: Nara Leão tem péssima memória para guardar datas. A única que ela respondeu sem vacilar foi a do seu nascimento, aos 19 de janeiro de 1942. Veio de Vitória diretamente para Copacabana, com um ano de idade. Até os 16 anos, estudou no Colégio Melo e Souza. Faltava um ano para terminar o científico quando jogou os estudos pro alto: "eu tinha sensibilidade e sácvava que aquilo era uma loucura. Tinha certeza de que a física, a química e a biologia não iam servir pra nada".

Na vida profissional de, Nara não há responsáveis por este ou aquele sucesso. Mas há um responsável por todo o sucesso na vida de Nara Leão. É aquele que ela considera um cara incrível, que lhe ensinou a ser independente, a não ter medo de nada e a decidir suas próprias questões: seu pai. E graças à abertura desse homem é que a casa da família Leão virou a toca de todo o pessoal ligado a música, onde as intermináveis reuniões acabariam por formar um grupinho depois denominado - o grupo bossa nova.

- Lá em casa - conta Nara - as pessoas chegavam e iam ficando, primeiro porque tinha um espaço nosso, depois tinha o uisque que pra rapaziada era importante, e, além disso, ninguém incomodava. Às vezes nós ficávamos 48 horas seguidas curtindo música, sem ninguém dormir. Nas madrugadas, alguém ia pra cozinha fazer macarrão com ovo e o papo continuava. De manhã, papai passava, dava bom-dia e ia trabalhar.

Com 11 anos o vírus musical começou a perturbar Nara Leão e ela foi ter aulas de violão com o professor Patrício Teixeira. Aulas também "filiadas" pelos amigos que não podiam pagar um professor como era o caso do Roberto Menescal. Mas o pai lhe cobrava uma profissão. Caso ela quisesse viver de música o caminho certo era o clássico. Esse, dava pra garantir a sobrevivência, dizia ele. Mudou de professor, agora o Solon Ayala mas, onde buscar a paciência para estudar horas a fio o mesmo exercício?

O título de *musa da bossa nova*, segundo Nara, deve ser de

autor de algum jornal carioca pois o tratamento de musa ela nunca teve, muito pelo contrário. Ela conta:

- Eu funcionava para o grupo como uma espécie de computador. Sabia de cor todas as letras, melodias e acordes mas só podia abrir a boca pra cantar quando era pra lembrar a alguém, alguma música. E assim mesmo a malhação era geral: fanhosa, desafinada e outros elogios desse tipo. Acho mesmo que só permaneci no grupo por causa da minha casa. Ninguém, nunca acreditou em mim, mas também, ninguém me escutava cantando..."

Nessa época Nara tinha 15 anos e o grupo estava mais ou menos definido: Nara, Carlos Lira, Ronaldo Boscolli, Chico Feitosa, Normando, Luizinho Eça, Roberto Menescal e Oscar Castro Neves. Os primeiros acordes do que depois seria denominado bossa nova chegaram através do Edinho do Trio Iraquitã (que longe do Trio jamais tocava boleros) e que já conhecia o João Gilberto. Depois veio o conhecimento com o Tom Jobim. Nara confessa: "pra mim foi um choque. Quando eu vi o Tom no piano, senti uma coisa muito forte. Ainda hoje eu sinto. Quando ele foi gravar o meu último disco, o Tom sentou no piano e eu comecei a chorar.

Estamos em 1958, Nara já tinha abandonado o colégio, trabalhava no tablôide da ULTIMA HORA, estudava pintura no Instituto de Belas Artes mas o grupo e o violão eram a grande paixão. Não havia ainda entre eles a consciência de um movimento musical. Nem de longe poderiam imaginar a transformação que sofreria a música popular brasileira por sua causa.

O primeiro show do grupo aconteceu no Teatro de Arena da Faculdade de Arquitetura no Rio. Nara cantou **Se é tarde me pedo** num ímpeto de coragem que ela até hoje não consegue explicar. Do mesmo show participaram ainda Lúcio Alves, Tom Jobim, Carlos Lira, Trio Iraquitã e os Garotos da Lua.

Em seguida veio o show na Hebraica e que serviu pra batizar o grupo. Alguém colocou na porta do clube uma enorme faixa: Nara Leão e o conjunto bossa nova. O nome estava dado. Nesse dia, Nara cantou de costas para o público, e, se ninguém entendeu que era tímida, todos pensaram que era excentricidade da "bossa nova".

A terceira apresentação do grupo seria mais uma vez na Faculdade de Arquitetura, num show chamado **A noite do amor, do sorriso e da flor**. Poucos dias antes, porém, aconteceu uma coisa no grupo. Enquanto todo mundo esperava na gravadora Odeon para gravar o primeiro disco, Carlos Lira foi chamado pela Phillips e não apareceu para gravar com o grupo. O caso aca-

bou em briga feia e foi aí que os dissidentes do grupo bossa nova resolveram realizar, no mesmo dia em que ia acontecer a **Noite do amor, do sorriso e da flor**, um show na PUC denominado **Sambalanco**. Para a PUC foram Carlos Lira, Silvina Teles, **Vinicius de Moraes** e Juca Chaves. Mas isso não atrapalhou em nada e na Arquitetura a **Noite** teve um estrondoso sucesso. Passado o primeiro momento, muita gente fez as pases e Nara ainda chegou a participar do disco do Carlos Lira na Phillips.

Mesmo depois disso, deixando-se envolver a cada dia pelos convites que chegavam (excursionou até pelo Japão), Nara Leão afirma que ainda não tinha, e como jamais viria a ter, o rótulo ou a embalagem do "profissional". Consciência ela só tinha uma: a de que poderia pular fora no momento em que quisesse. Ela conta: - Eu só tinha duas roupas, iguais: saia e blusa cáqui. Fazia questão absoluta de só usar aquilo porque era o que eu gostava e jamais me deixei pavonear. O meu cabelo tinha que ser aquele, sem eriçados e não usava maquiagem. Ora, a idéia do profissional que eu tinha era a de um verdadeiro marçiano."

Aluísio de Oliveira foi responsável pelo mais importante disco da bossa nova. - Ele foi uma pessoa - diz Nara - que teve uma visão ampla do movimento musical no Brasil e apoiou isso criando uma gravadora nacional, a Elenco. Nessa época, eu tinha descoberto a música de protesto e o samba de morro. Passei a conhecer um pessoal de cinema que estava filmando **Cinco Vezes Favela** e eu ajudava na montagem. Como vocês podem ver, a música pra mim, pelo menos profissionalmente, nunca foi uma coisa definitiva. Também o teatro de Vianinha foi-me fazendo descobrir uma realidade que eu não conhecia." Essas novas descobertas, para alguém que como Nara, acha que a instabilidade é uma procura e o sucesso uma acomodação, tiveram um tal peso que culminou com a célebre entrevista dada à revista **Fatos e Fotos** sobre o disco da Elenco onde ela afirmava: "bossa nova me dá sono".

- O disco para mim era uma oportunidade de falar. O que eu queria realmente ter feito era um disco que fosse uma reportagem musical.

Nara sempre fez o que quis. Nunca teve preocupações com a "carreira" ou com o que quer que fosse. Foi nessa época que num show com o Sérgio Mendes ela foi abandonada no palco e continuou a cantar, sozinha com o violão. A música era **Opinião** e Sérgio Mendes recusou-se a acompanhá-la.

O disco **Opinião** já estava gravado e Nara andava por São Paulo, a caminho dos Estados Unidos. Alguém lhe telefonou fa-

lando do convite do Vianinha e do Ferreira Gullar pra que ela fizesse também o show do mesmo nome. Nara nem vacilou: "esse trabalho era muito mais importante".

Um mês depois Nara largou o show porque perdeu a voz. A poeira do Teatro Opinião, toda aquela mão-de-obra do teatro inacabado, os atores tendo até que bater pregos, justificava o pife da voz. Mas no fundo Nara sabia que o problema era emocional, o velho pavor do palco que ela guarda até hoje. "E depois - ela conta - o sucesso me frustrou. A gente faz um negócio achando que vai acontecer alguma coisa e acontece o sucesso". Mas essa ainda não foi a última tentativa de Nara com o teatro. Veio depois **Liberdade, Liberdade**. Novo desafio, nova rouquidão. Ela também teve que ser substituída pouco tempo depois.

Quando Nara conheceu Chico Buarque nos bastidores de televisão ele lhe mostrou **Olé, Olá** e ela ficou maravilhada. Depois veio **A Banda** que ela gravou. Certo dia o Chico lhe telefona pedindo pra segurar o disco porque ele havia inscrito a música no festival da TV Record. Foi defendendo **A Banda** de Chico Buarque de Holanda que ela recebeu as primeiras vaias.

- Elas não me chocaram porque no fundo eu sabia que aquilo era uma coisa extra-musical. Não era pra mim nem pro Chico. Aquele foi um festival muito tumultuado, foi o ano do **Alegria, Alegria** do Caetano, **Domingo no Parque**, do Gil.

De festivais, ela só participou de mais um, dessa vez defendendo **A Estrada e o Violeiro**, de Sidney Muller. Viajou em 68 para a França, ficou dois anos por lá. A saudade do Brasil originou um álbum duplo, gravado em Paris, inteirinho com bossa nova. Chama-se **Nara, 10 anos depois**.

No Tropicalismo, Nara não teve uma participação ativa mas chegou a gravar no disco **Tropicalia** uma música de Gilberto Gil feito a pedido seu. Ela explica: "Eu tinha visto um quadro que me impressionou muito, era uma Moína Lisa de subúrbio. E como eu tenho uma atração muito forte pelas crônicas policiais, pessoas que desaparecem, que se matam, eu pedi ao Gil que fizesse uma música baseado nisso. Ele fez **Lindonéia** e eu gravei."

- Eu sempre quis fazer alguma coisa a mais do que cantar. Pegar sucesso e regravar não vai me acrescentar nada. As pessoas me cobram o que eu não fiz, mas ninguém se lembra de ouvir o que eu fiz. Cantei, atuei, produzi discos". É como diz o poema do Drummond: "Quem tem medo de Nara Leão?"

# OS OLHOS NOS OLHOS DE MIUCHA E TOM

Se lembra da fogueira  
Se lembra dos balões  
Se lembra dos maus dos ser-  
tões  
A roupa do varal  
Feriado nacional  
E as estrelas salpicadas nas  
canções  
Se lembra do jardim, ó mani-  
nha  
Coberto de flor  
Pois nunca mais cantei, ó ma-  
ninha  
Depois que ele chegou

**M**ANINHA, a mais nova composição de Chico Buarque, foi feita especialmente para o disco de Miucha. É o primeiro LP de uma cantora de voz doce que vem lutando há muito tempo para se fazer notar. "Uma craque", diz Tom Jobim. Tão craque que ele, convidado por ela para participar de uma faixa, acabou fazendo o disco todo. São seus os arranjos, a flauta, o piano, algumas canções e a voz que acompanha Miucha.

— A gente tem de olhar a Miucha, Miucha — explica o maestro. "Sem comparações com Chico Buarque ou João Gilberto. É necessário apagar a história pessoal. Falo isso porque conheço muito os filhos das pessoas".

— Os "auroras" — brinca Miucha.

Tom explica que os "auroras" (referência a Aurora Miranda) são os segundos: os filhos e irmãos de gente famosa:

— Carmem Miranda é o Chico. Durante dois anos Miucha foi contratada da Phillips. Antes havia participado de um compacto duplo com Stan Getz:

— Fiquei na gravadora gênero "geladeira". Ninguém quis gravar nada. Geralmente, quando o compositor canta a própria música, vende mais, e eu me vi numa faixa congestionada. Foi quando o contrato estava terminando que o Aloísio de Oliveira começou a agitar e a RCA concordou com o LP. Pensei imediatamente em pedir ao Tom uma música nova.

Mas foi impossível conseguir de Tom qualquer coisa inédita. Numa fase de imensa paixão por **Olhos nos Olhos**, só queria tocar e cantar a música de Chico Buarque. Acabou entrando no disco, com **É Preciso Dizer Adeus**, de parceria com **Vinicius de Moraes**. Logo após a gravação, Tom e Miucha começaram a ensaiar **Samba do Avião** e uma versão do Aloísio para **Midnight Sun**, de Lionel Hampton:

— Ai a coisa começou a pegar e o Tom dispensou orquestra e fez o disco todo.

A nova dupla faz brincadeiras enquanto explica o trabalho:

— Só é possível fazer uma Miucha tendo a família que ela tem: Maria Amélia e Serjão.

Miucha volta ao sério e fala na dificuldade cada vez maior de intérprete ou compositor novo fazer alguma coisa:

— A pessoa fica escalada na gravadora à disposição de idéias do produtor. Não tem aparecido ninguém. É tudo feito na base de pesquisa de vendas e cantor novo não pode cantar música inédita.

— O melo é cada vez mais fechado — interfere Tom.

— O esquema da Phillips, por exemplo, é de regravação. Assim não precisam mais pagar nada.

Para Tom, é a chamada "indústria do sabido", no fundo inteiramente reacionária:

— Impede a novidade e se dedica ao estabelecido, ao que já é.

Por isso, o disco de Miucha foi totalmente feito fora das regras normais. Os ensaios eram na casa de Tom, todos os dias, e as gravações — duas músicas de cada vez — às segundas-feiras:

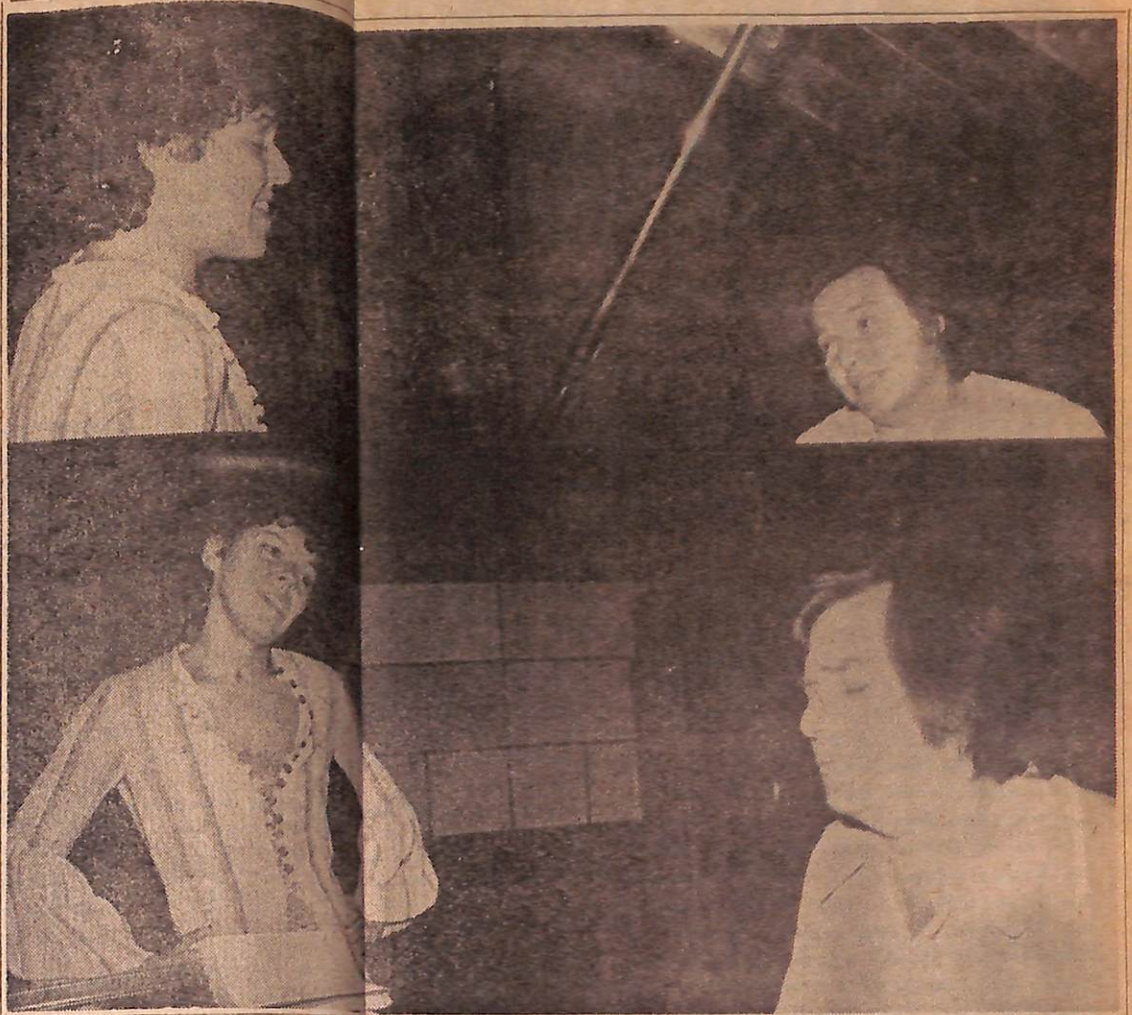
— Em Nova Iorque — conta Tom — a Miucha havia feito uma faixa do meu disco **Urubu**. Quando ela me convidou para participar do dela, aceitei e acabamos nos desenvolvendo. Inclusive, ele tinha sido programado diferente, num esquema mais formal, com cordas. No estúdio as coisas começaram a acontecer. O Chico, por exemplo, acabou cantando em três faixas com a gente.

— Eu tinha pedido ao Chico uma música, mas as gravações foram se tornando uma farrá e ele entrou, como no **Sei Lá**, de Toquinho e Vinicius. Para o **Vai Levando**, eu e Tom acrescentamos uma letra nova.

Miucha lembra-se bem de um show que fez numa boate há alguns anos. Uma noite, uma mesa comentou alto enquanto ela cantava: "É a cara dele, pena que não tenha olhos azuis".

— A família conhecida tanto atrapalha como ajuda. Por um lado a inevitável comparação e, por outro, a facilidade de contatar todo mundo.

— Exato — diz Tom — A escolha do repertório, por exemplo, pode ser feita com aquela intimidade de sentar ao piano e relembrar



Miucha e Tom: "Escolhemos as músicas da nossa comunhão espiritual"

músicas. Em vez da escolha mecânica, ensaiamos os tons, o dela diferente do meu, fizemos uma conta de chegada e a coisa ficou um pouco para o **woman's lib** e, de outro lado, para o **man's lib**. Acabamos escolhendo músicas da nossa comunhão espiritual. Se eu fosse o Ministro Ney Braga pegava esse disco e levava para a Rádio MEC, porque o país que combate a sua própria cultura tem uma atitude suicida.

No ano passado Miucha formou um quarteto e ocasionalmente gravava alguma coisa. Mas o próprio trabalho de coro já encontra uma barreira nas gravadoras. Publicidade é difícil também:

— Agora está tudo melhorando. O Chico me convidou para fazer o trabalho com as crianças em **Os Saltimbancos** e devo fazer um show no Canecão com Tom, Vinicius e Toquinho, com estréia prevista para o dia 15 de agosto.

— A Miucha está explodindo — lembra Tom — num trabalho tipo **pedreira**. E como eu já disse, ela vem de uma fábrica boa.

— Mas quando fui assinar o contrato com a RCA, a última coisa que interessava era se eu sabia cantar ou não. Como mulher de João e irmã de Chico, eu era um ponto de venda. Mas nunca senti na minha vida tanto carinho, tanta doação da parte de um músico como agora. O Tom, um dos maiores que conheço, foi de um cuidado incrível. Em relação aos músicos, sua atitude de humildade é impressionante. Acredito que por isso o trabalho tenha rendido tanto. Quebramos o esquema da RCA de gravar primeiro as bases, depois orquestra e por fim as vozes. Foi tudo feito junto, sem frieza, olhos nos olhos.

Além de **Maninha**, **Olhos nos Olhos** e **Vai Levando**, a dupla escolheu **É Preciso Dizer Adeus**, **Samba do Avião**, **Saia do Caminho** (Custódio Mesquita e Evaldo Rui), **Na Batucada da Vida** (Ary Barroso e Luis Peixoto), **Choro de Nada** (Eduardo Souto Neto e Geraldo Carneiro), **Comigo é Assim** (Zé Meneses e Luis Bittencourt), **Tiro Cruzado** (Nelson Angelo e Marcio Borges), e **Pela Luz dos Olhos Teus** (Vinicius).

Os músicos — todos do melhor time — são, na flauta, Tom, Paulinho Jobim, Danilo Caymmi, Franklin e Paulinho Guimarães; no baixo, Novelli e Luiz Alves; no violão, Nelson Angelo e Luiz Claudio; no cello, Peter Daulsberg; na percussão, Ariovaldo e, na bateria, Wilson das Neves, Robertinho e Rubinho.

Já com um compacto na praça — **Vai Levando** e **Olhos nos Olhos** — o disco será lançado dia 10, depois de novo compacto, com **Maninha** e **Olhos nos Olhos**.

# AS MÚSICAS DO SILÊNCIO DE BELCHIOR



Belchior: "Pensaram que eu era líder estudantil"

**P**ARA uma temporada de seis dias, o compositor cearense Belchior está no Rio, depois de 40 shows reunindo 100 mil pessoas, na série de apresentações que vem fazendo pelo país para mostrar seu terceiro LP. No Teatro Tereza Rachel, a partir de terça-feira, Belchior espera estabelecer com o público o diálogo que vem desenvolvendo a cada espetáculo, porque "o exercício artístico é um exercício político e, quem canta, hoje, no Brasil, ajuda a vencer o silêncio".

Belchior nunca se apresentou no Rio — prefere não citar o show

critério de escolha, mais do que apresentar coisas novas, é o de ser coerente com o que nos cerca. A escolha das músicas desse disco é um excelente exemplo do que é intuição de artista. Ainda não se tinham realizado as manifestações dos estudantes — gravei o disco em janeiro — e as músicas selecionadas foram justamente as que fiz em 68 que, como as de hoje, são músicas do silêncio.

Belchior se apresentou em Belo Horizonte logo depois da tentativa de realização do Encontro Nacional dos Estudantes.

— Eu vinha chegando de Cataguazes e estava por fora. Cheguei em Belo Horizonte em cima da hora do show e não entendi quando vi aquela multidão na porta e policiais por toda parte. Parece que houve boato de que os estudantes iriam realizar alguma manifestação durante meu show e a coisa pegou fogo. Os policiais provocavam, perguntavam se eu era líder de estudante. Gosto muito de me apresentar em Belo Horizonte: é um público muito vibrante.

Belchior se preocupa em não ocupar de maneira frívola o espaço artístico que abriu:

— O trabalho artístico deve ser sempre revolucionário. Não só politicamente, porque às vezes o amor é mais revolucionário do que a política. Os quadros de Picasso ajudaram a derrubar a ditadura na Espanha, mas nem por isso foram todos voltados para a política: houve **Guernica** e houve a fase azul.

O artista cearense chegou ao Rio e imediatamente se encerrou num estúdio para gravar para a televisão. Mais tarde foi à casa de **Vinicius de Moraes**, onde encontrou com Tom e Toquinho.

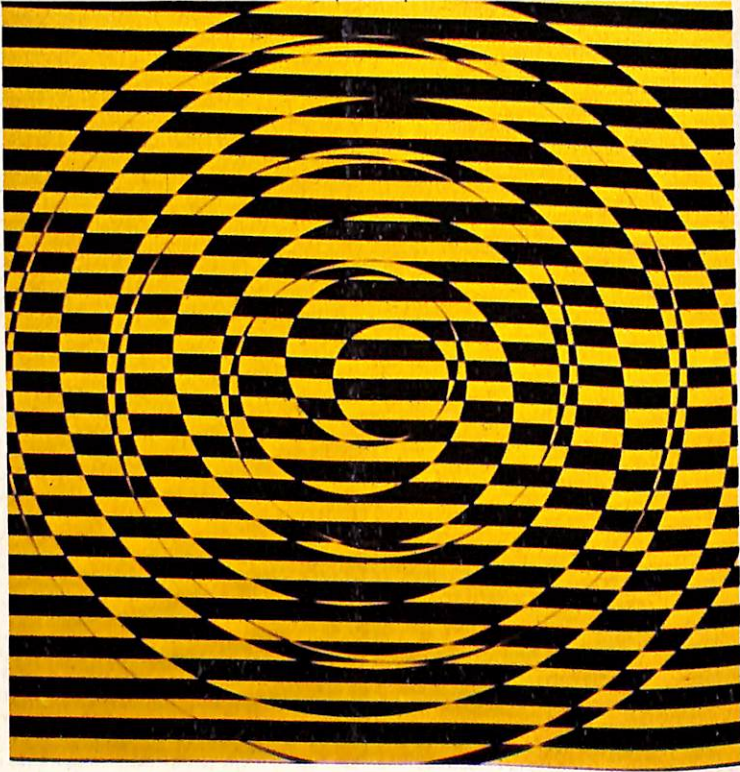
Do Rio, gosta do dia; de São Paulo, onde mora, da noite. Se não sente falta do mar, da possibilidade de vislumbrar o horizonte, ele se lembra muito do sertão de onde veio e cita João Cabral de Melo Neto: "O sertão não conhece o mar, o mar não conhece o sertão".

que fez em 1971 no Teatro de Arena, logo após ter vencido o Festival Universitário da TV Tupi com **Na Hora do Almoço**: "Fui apanhado de surpresa, foi o maior fracasso".

Seis anos passados, três LPs gravados, 200 mil cópias vendidas, Belchior está mais maduro. Seu terceiro disco, uma das mais caras produções da discografia brasileira, foi lançado há 45 dias em São Paulo e, segundo ele, nada mais é do que uma continuidade de seus trabalhos anteriores.

— Esse disco é tão discursivo como os outros. Nele eu abarquei um grande número de músicas que fiz ainda no Ceará, em 67/68. Meu

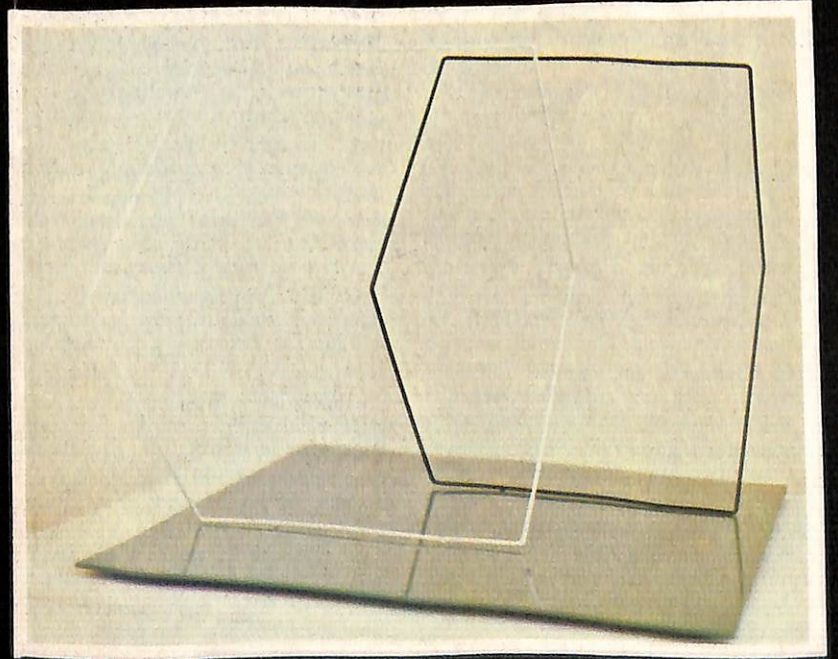
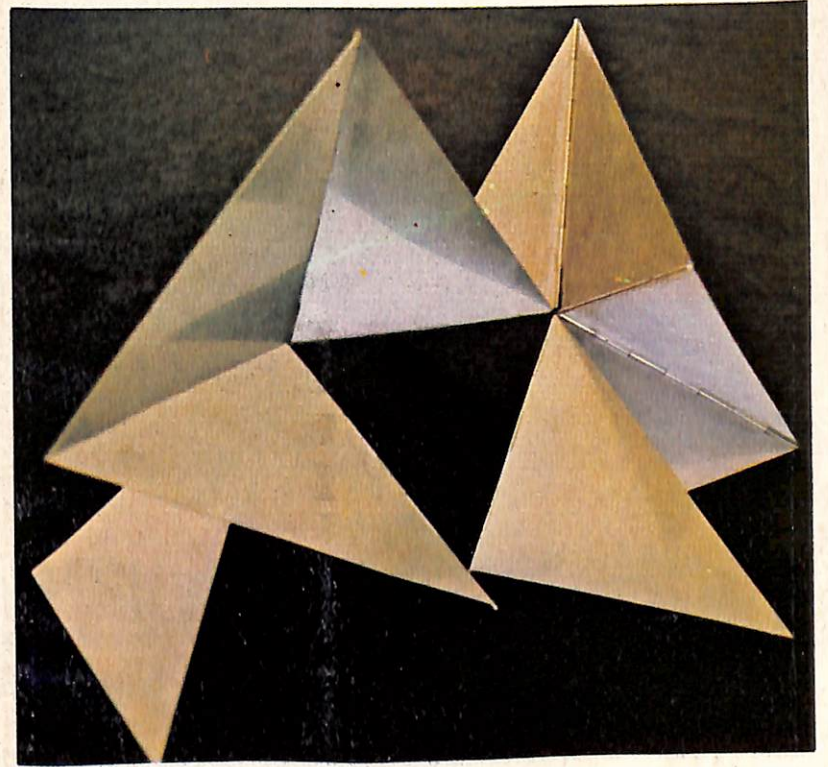
*Pintura de Maurício  
Nogueira Lima, do grupo  
concreto*



*Poema  
concreto de  
Décio  
Pignatari*

*Poema  
neoconcreto  
de Ferreira  
Gullar*

*Bicho, escultura metálica  
manipulável de Lygia  
Clark*



*Escultura de Franz  
Weissmann*

Como escritor, Pedro Nava, três livros publicados e mais dois em elaboração, faz literatura para falar consigo mesmo e desenterrar defuntos. Já o médico Pedro Nava se confessa impressionado pela morte e cada vez mais entusiasmado com os doentes e menos com os médicos. Mas há o homem Pedro Nava: um agnóstico suficientemente sincero para dizer que tem medo de almas.



Os cinco irmãos Nava nos tempos do Baú de Ossos. Pedro é o mais velho, em pé à direita



Em 1916, o menino Pedro, um "balão cativo" no Colégio Pedro II



Pedro Nava em 1920, aluno do Colégio Pedro II



Na época do seu doutoramento em Medicina, em 1927, começando a trilhar o "chão de ferro"

# O MOÇO NAVA E A VELHA MORTE

Ele não é mais um autor bissexto. Publicou três livros (os dois primeiros estiveram na lista dos *bestsellers*) caminhando para o quarto e o quinto. Com apenas algumas poesias incluídas na *Antologia de Poetas Bissextos*, de Manuel Bandeira, tornou-se conhecido como poeta. E porque sempre se rodeou de amigos como Rodrigo Mello Franco de Andrade, Afonso Arinos, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, Fernando Sabino e outros, ele se definiu como um literato, um eterno interessado em livros e na língua ("O manejo da língua e o ato de escrever são coisas antigas e cotidianas"), um revolucionário (sua adesão ao movimento modernista dos anos 20 assustou Belo Horizonte), um humanista, amante da vida e fascinado pela morte, o que traduz em sua poesia ("O que eu tenho é medo mesmo"). Ele é Pedro Nava.

O amigo que recebe como ninguém no apartamento da Glória, a extraordinária simpatia transbordando, o *papo* fluindo para todas as gerações. O mineiro de Juiz de Fora, educado em Belo Horizonte e orgulhoso de seus mineirismos. O grande memorialista, o proustiano caçador do tempo perdido — perdido não, magistralmente revivido nas suas memórias. O caricaturista chapliniano ("Faço muita caricatura, mas injúria nunca. Trato dos fatos que tenho a liberdade

de interpretar porque fui participante deles") que não tem necessidade de ficção porque pode se realizar perfeitamente com os personagens que conheceu. O modesto Pedro Nava que diz não ter pretensões de fazer literatura, mas de "falar comigo mesmo". O médico Pedro Nava, reumatologista conceituado, com mais de 500 trabalhos especializados, que passa as manhãs no hospital, as tardes na clínica e dedica suas noites à leitura e a escrever com garra de historiador ("Sou um incansável guardador de papéis, há 30 ou 40 anos registro coisas, fotos, cartas, documentos, etc.").

Sua vocação literária explodiu num volume de memórias para uso pessoal e da família, sem pretensões ao grande público. Nasceu para o sucesso sem querer o *Baú de Ossos*, título que diz tudo:

— Tratei de desenterrar defuntos... Fiz uma edição ampliada e melhorada do defunto. A medida que fui envelhecendo fui sentindo a necessidade de me comunicar comigo mesmo. Interessou-me o livro como aplicação do meu tempo, minha vida e exploração de mim mesmo. Resolvi entrar em cheio e fazer um retrospecto familiar, pessoal, sobre os antepassados e meus primeiros anos de vida em Minas Gerais, culminando com a morte de meu pai, no Rio, um marco importante para mim.

Curioso, Pedro Nava não aparece em seus livros. Circulou que ele aparecia na forma do engenheiro Ennes de Souza, o que não é verdade:

— Identifico-me realmente com o Ennes, temos muito em comum, mas ele não está me representando. Estarei dentro de todos os personagens porque insensivelmente a pessoa é arrastada para a ficção... Todos terão um pouco do autor, mas se houver semelhança é porque a semelhança é real, desejada e voluntária. Isso aconteceu com o Ennes com quem identifiquei o meu exagero, meus rancores, paixões e amizades, e com o Tio Salles (professor Antonio Salles), o tio que me adotou e educou, já que meu pai morreu muito cedo.

Os personagens de Nava são aqueles de quem ele se lembra vivamente. Tão vivamente que as descrições provocaram até briga de família. E são descrições primorosas, de uma tal graça que foram comparadas aos personagens de Charles Chaplin. Não é sem razão que na sua biblioteca se encontra, entre retratos de amigos queridos, um imenso *poster* de Carlitos.

— Quanto às caricaturas, eu não podia deixar de ser sincero comigo mesmo. Escrevi o que vivenciei. Para tirar a má impressão que tinha dessa ou daquela pessoa, me vinguei um pouquinho... Hoje estou vingado e compensado, penso nelas com in-

diferença, simpatia e até agrado, quando antes a antipatia que eu tinha atingia até os descendentes diretos. E não contei da missa nem a metade... Se resolvesse contar, todos se aborreceriam não só comigo, mas principalmente uns com os outros. Há pessoas que escrevem me dando preciosas informações, e não só fazendo críticas. Por carta descobri um ramo da família no Espírito Santo e milhões na cidade Barra do Corda, no Maranhão. Quero deixar bem claro que não injurio os inimigos nem louvo os amigos; relato fatos, conto o que as pessoas me fizeram.

As memórias de Pedro Nava não têm qualquer preocupação estilística ou inovação de linguagem, mas foram revividas com tanto *charme* e com o mineirismo falando tão alto que Fernando Sabino, logo depois de ler o livro (que só tinha quatro ou cinco exemplares para os familiares), apareceu correndo com um contrato para editá-lo. Seu faro não o enganou: o amigo Nava acabou levando o prêmio de "não ficção" do Pen Clube. E os dois últimos capítulos do volume familiar, que era imenso, se tornaram os primeiros do segundo livro, o *Balão Cativo*.

Este retomará Pedro menino, com oito anos de idade, até o rapazote de 17 anos. *Balão Cativo* é o retrato da adolescência, dos tempos de colégio e das descobertas. Dos anos de edu-

cação principalmente sentimental e sexual.

"A legítima educação sexual de colégio é feita no intercâmbio dos recreios, no tacheio das conversas, muito melhor que quando dada por professores e professoras. Na verdade são o mistério e a suspeita que por paradoxo conferem à relação amorosa o que ela tem de sagrado e transforma o contacto em puramente animal" (trecho de *Balão Cativo*).

Foi o Colégio Pedro II, por intermédio do tio e professor Antonio Salles, com sua sensibilidade e suas orientações intelectuais, que deu a Pedro Nava sua formação de humanista. Mas é o mesmo colégio (hoje mudado) que nos confirma uma educação escolar caduca que não obrigava ao raciocínio mas às chamadas *decorebas* e aos colarinhos engomados. Desta vez a linguagem usada é a mesma dos meninos de colégio — "Correta, mas nada limpa" — o que o obrigou a avisar aos parentes que usaria os ditos palavrões quando tivesse que fazê-lo e que exporia o erotismo dos sonhos adolescentes como esses se manifestam: "As palavras foram feitas para serem ditas e as idéias para serem pensadas. Não tem sentido qualquer tipo de censura, literária, jornalística, política, artística ou moral. Não concordo com a censura à palavra escrita dita indecen-

te, quando no fundo a arte plástica pode ser considerada, como dizia Caio Melo Franco, boa quando excita. A pornografia, ou o que se rotula de pornografia, pode abrir horizontes poéticos formidáveis. Não no sentido da indecência, é claro. Meu livro não recua diante de palavra nenhuma, diante do que é chamado palavrão. Talvez vá causar escândalo por isso".

Suas memórias são cronológicas, surgem como romance cujo enredo é a vida de uma família da classe média no Brasil. Rimos das curiosidades e costumes da época não só porque são tão bem contados mas porque nos identificamos com o escritor — quem nunca foi menino e teve na família as velhotas, as megeras, o ovelha negra, as primas cobiçadas, no colégio seu professor amado dentre tantos odiados, na Faculdade as revoltas, quem nunca foi um Balão Cativo, quem nunca se identificou com esse Baú de Ossos? Apesar da imensa dificuldade de organizar fatos e personagens em suas respectivas épocas, Nava é bem-sucedido graças às suas caixas de recordações:

— Provavelmente já existia dentro de mim, no subconsciente, um memorialista latente. Há muitos anos coleciono fotos, cartas, documentos. A mania de minhas avós, tias e mãe de guardar coisas foi muito útil. Sem querer elas constituíram um arquivo para mim. Mas a coisa ainda não tinha

afiorado até o dia em que resolvi organizar a papelada. Fiz um livro do-méstico que graças a Fernando Sabino foi publicado e agradou. Hoje essa escrita de memórias é a razão de ser da minha vida. Hei de escrever até o fim, já que fabricamos memória dia a dia. Enquanto se tem consciência, se tem memória, o assunto é inesgotável".

*Chão de Ferro* é o terceiro volume que traz Pedro ainda no Colégio Pedro II, no Rio, e voltando a Belo Horizonte onde cursará a Faculdade de Medicina. Sempre em ordem cronológica, o quarto livro, *Beira-Mar* (que será lançado no fim do ano), narra a história da sua formação médica, um pouco da crônica de Belo Horizonte dos anos 20 e o relato da revolução modernista — "Onde vou me deter sobre as personalidades que fizeram essa revolução: Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Emilio Moura, Alberto Campos, Abgar Renault, Gustavo Capanema (que não foi um literato, mas um reformador)". O último capítulo mostrará o médico sem pistóloes fazendo várias tentativas de clínica em cidades pequenas da roça e finalmente se mudando para o Rio com uma boa colocação: "Acabo o livro desembarcando no Rio, chegando à beira-mar".

— Há enigmas de *Beira-Mar*, um truque: um desdobramento de certos personagens para poder dizer tudo

sobre eles... para eu mostrar o lado biográfico, confessável, e o outro inconfessável, o do demônio interior. Fica essa dica para os leitores procurarem e tentarem descobrir.

Para o quinto livro que ainda não tem título, Nava reservou uma espécie de apanhado da vida do seu país e de evolução da Medicina nos últimos 50 anos.

— Dessa Medicina que continuo a praticar com a mesma boa vontade. Cada vez mais entusiasmado com os doentes e menos com os médicos. O porquê disso vai se saber lendo o quinto volume do meu "seriado" que ainda não tem título porque resolvi adotar o sistema de tirar o título do texto do livro, assim como fiz com os outros. Com exceção de *Beira-Mar*, título que me foi sugerido e quase imposto por meu amigo Lucio Costa.

No apartamento da Glória, no ambiente acolhedora da biblioteca toda forrada de verde-garrafa, os sofás macios, repleta de livros, a conversa flui gostosa e parece não querer acabar:

— Sou mesmo um impressionado pela morte e um curioso de como as pessoas a recebem com resignação e bravura. Isso traduz um estado de medo e talvez eu tenha estudado Medicina não só por influência de meu pai, que também era médico, mas também para combater essa idéia de morte. E talvez tenha escolhido o

"Talvez eu tenha estudado Medicina não só por influência de meu pai, que também era médico, como para combater a idéia de morte. E é possível que tenha preferido o ramo da Reumatologia porque de reumatismo ninguém morre. Mas acho curioso como as pessoas recebem a morte com resignação e bravura"

*Chegando à "beira-mar", em 1940 com o pintor Misha e o arquiteto Oscar Niemeyer*



ramo da Reumatologia porque de reumatismo ninguém morre.

Diz Dona Nieta que Nava chega a ser um pouquinho obcecado pela morte. Ele explica:

— Culturalmente sou cristão, mas me julgo agnóstico e tenho a sinceridade de dizer que tenho medo de almas, como dizem em Minas. Não sou um descrente absoluto. Acho que no Brasil hoje existem muito mais freqüentadores de terreiros de espiritismo do que cristãos. Uma das razões do sucesso do espiritismo é que eles inventaram a reencarnação. A idéia de que possamos nos comunicar com nossos mortos e que possamos reviver é uma coisa fabulosa.

Pedro Nava é casado com D Nieta, autora de célebres balas puxa-puxa de café e da façanha de conquistar Nava, até os 40 anos solteiro convicto, que ao tê-la como aluna nas aulas de enfermagem na casa dos Nabuco, durante a guerra, se apaixonou por um certo chapéu de padre, para indignação dela, que diz ter sido este um lindo chapéu.

— Sou divorcista, mas sou realmente a favor de um simples entendimento amoroso e sexual, mais do que do casamento. Os católicos são uma minoria no meio de outros crédulos que devem poder seguir o caminho que desejarem.

Já que Pedro Nava não aparece nos livros, sua pessoa desperta curiosidade. Assim, é natural que se lhe peça um auto-retrato falado e desenhado, pois ele também é desenhista, autor das ilustrações para o livro *Roteiro Lírico de Ouro Preto*, de Afonso Arinos de Melo Franco:

— Estou falando de mim contrariado, gostaria que cada um me imaginasse como berr o quisesse. Mas a pergunta é *flateuse*. . . Não me

julgo um sujeito nem perfeitamente bom, nem completamente ruim. Sou um homem impulsivo nas afeições e nas ojerizas. Pouco paciente, vagamente agressivo. Ou, por outra, sou agressivo porque sou engraçado. E todo sujeito engraçado agrade porque se põe de superior. Bom caráter acho que tenho, não sou desleal. Sou reservado até certo ponto, só muito encolerizado fico indiscreto. Tenho procurado dentro da minha profissão auxiliar muita gente. Mas tenho notado que quanto mais auxílio, menos gratidão encontro. Os que me são gratos são justamente aqueles para quem pouco fiz. Sou orgulhoso no sentido de não pedir nada a ninguém, seguindo o ensinamento de minha bisavó que dizia: "Quem pede, fede". Por isso não tenho vontade de ser da Academia Brasileira de Letras, teria que pedir a 38 pessoas.

— Sou apolítico, não tenho nenhuma preocupação política, e se fosse cavar bem dentro de mim chegaria à conclusão de que sou romanticamente anarquista. Com relação ao conflito de gerações dou razão sistematicamente aos moços. Não digo isso por demagogia, mas no sentido democrático. Eles são a maioria e os velhos têm que se curvar. As idéias dos moços, mesmo quando parecem absurdas, devem estar certas. As grandes coisas do Brasil, como a Independência e a República, foram atos de insensatez da mocidade, *and so on*. . . Os moços é que fazem as substituições necessárias.

Pedro Nava, segundo ele mesmo, é apenas um velho gordo e barrigudo. Não é verdade. É o moço Pedro Nava que, ao contrário da maioria dos jovens, tem o dom de fazer a gente reviver tempos que não voltam mais. E, paradoxalmente, aí mora a sua juventude.

## VINÍCIUS CONTA NAVA

*Grandes amizades se formaram na casa de Rodrigo Mello Franco de Andrada, ponto de encontro de intelectuais, artistas e interessados. A de Vinícius por Pedro Nava dura até hoje, o que ele conta na crônica Encontros:*

"Meu amigo Pedro Nava, ou melhor, o Dr Pedro Nava é um grande poeta brasileiro que também é médico. Um olho clínico, como dizem seus colegas. E eu digo *amém* porque Pedro Nava é o meu médico. Já me diagnosticou uma apendicite, e guardo bem a lembrança — a última lembrança ao ser anestesiado — de seu olho clínico posto em tristeza diante da possibilidade de um *trespasse* meu. Pedro Nava, sendo como é meu amigo, contou-me mais tarde o medo que tivera de que eu morresse, não tanto porque fosse seu paciente, mas porque era seu amigo. É verdade que se morre muito nesse negócio de operação, por mais que o cirurgião seja hábil, como era no meu caso. Tive um medo póstumo, quando o poeta me fez ver essa possibilidade.

Mas já que se falou em morrer, em se tratando de morte o poeta Pedro Nava comparece e fica triste. Porque se trata de um ser votado à morte, tanto em sua profissão, onde luta exemplarmente contra ela, como em sua poesia, onde é todo dela. Pedro Nava é o criador da idéia sinistra do defunto que todos nós carregamos conosco, a quem damos de comer e beber e para quem arranjamos mulher, o defunto que se senta, se levanta, anda na rua, vai ao cinema, escova os dentes e, no fim da noite, se deita imóvel para imitar o descanso eterno.

Como se pode deduzir, Pedro Nava é um ser terrível, um perturbador da ordem, um russo. É o poeta russo Pedro, o Grande. Só se sente bem ou no seu hospital, onde combate, com uma prudência de conhecedor a fundo, todos os candidatos à morte; ou perturbando a alma alheia com sua grande tristeza — e por que não dizer *dor-de-corno?* — sua ternura úmida e animal de mastim, fiel, e sua poesia lancinante.

É um grande Pedro! Travei relações com ele em casa de Rodrigo Mello Franco de Andrada — esse Rodrigo cuja amizade é para mim uma coisa extrema na vida — o poeta batalhou para me manter à distância. Não queria mais saber de amigos, que são criaturas que atrapalham muito, sofrem, adoecem, morrem, é o diabo!

Mas pouco a pouco venci o poeta. Hoje ele é um desses quatro ou cinco que já não distingo mais em meu sentimento. É um homem espartosamente rico e inteligente. Não há balda, como se diz em Minas, que lhe passe. Sua capacidade inventiva no domínio da psicologia lírica, é assombrosa. Marca não importa quem, com dois ou três traços essenciais. Sua poesia bissexta, como se diz, segundo a expressão de Prudente de Moraes Neto — *porque vem de raro em raro* — é excelente. Quem não leu O Defunto não sabe o que é sugestão da morte. É o poema mais incômodo que há. Perturba o tempo todo, irremediavelmente.

"Quando estiver morto meu corpo Evitem os inúteis disfarces. . ."

marbelle  
angra dos reis

11 | 9 | 1991

## QUANDO A COMIDA VEM QUEIMADINHA E O PREÇO VEM SALGADÍSSIMO

**Uma decepção.** Não sei por que estão falando tanto (e pagando tanto) num lugar que de repente virou moda: a Bella Blu. É um restaurante muito simples, com um salão — que eles chamam de *privé* — separado do resto por uma porta do Batista, que não tem nada a ver com a decoração. A especialidade é *pizza*. Mas acontece que ela geralmente vem queimadinha e meio sem gostinho. E o preço vem salgadíssimo. Melhor do que lá, disparado, é a *pizza* do Raul, que veio de Búzios diretamente para a Francisco Otaviano, no Posto Seis. E já virou ponto de encontro de gente inteligente.

### **Marcos (e Belita)**

**Tamoyo** receberam, no domingo, um grupo restrito de convidados, para um cineminha na cabina do Palácio da Cidade. Entre os presentes, o cônsul da Espanha e Sra., além dos casais Paulo (e Ivete) Bornhausen, José Carlos (e Olívia) Leal e Alfredo Machado, entre outros.

### **Urbano (e Vanda)**

**Fabrini** deram jantar em sua casa da Gávea. Aniversário dele. Entre os presentes, Carlos (e Vanda) Pires de Sá, Cleófano (e Stelinha) Meireles, Edgar (e Diva, mãe da *hostess*) Pires de Sá, Ricardo (e Suely) Stambovsky.

### **Vinícius de Moraes**

(com sua Martita) e Tom Jobim jantavam no restaurante de Maria Thereza Weiss. Em outra mesa, Lila Corrêa de Araújo em companhia do Procurador Luiz Paulo Vilhena e do Juiz José Carlos (e Mara) Barbosa Neto, além deste colunista. José Carlos foi quem colocou em liberdade, Mônica, aquela moça envolvida na morte do filho

de Leopoldo Heitor. É um juiz gaúcho jovem e, principalmente, tranqüilo e humano, que usa antes de tudo a consciência. A comida de Maria Thereza não pôde ser melhor.

### **Paulo (e Vanda) Klabin**

receberam, no último final de semana, um grupo pequeno de amigos, para as despedidas de Beki, que viajou para Londres.

### **Comunicam-me a**

constituição do Trevo-Instituto Bandeirantes de Seguridade Social, entidade destinada a suplementar os benefícios concedidos pelo INPS, colocando à disposição da família Bandeirantes um elevado padrão de assistência e seguridade. Parabéns à família Bandeirantes.

### **Silvinha Fraga**

esperando, para a próxima semana, seu segundo filho. (Ela ainda não está saindo de casa, de luto.)

### **José Halfin**

aniversariou. Jantou no Antiquarius com sua Maria Alice. Depois, a convite de Newton (e Regina) Rique, esticaram no Special, lotado e animadíssimo. Em outra mesa, Renato (e Nina) Visco, Celmar (e Léa) Padilha, Frank (e Cristina) Calmon de Sá. Todos atentos à música *ao vivo* da casa, uma das melhores da noite carioca.

### **Carlucho Affonseca,**

*from* São Paulo, passou o fim de semana em Belô. Foi rever a sua filha.

**O Ta Matete** é a melhor casa noturna da capital paulista, atualmente. É um *triplex* com bar, restaurante e boate, com uma decoração maravilhosa. Até o uísque é próprio. Seus donos, Erico Pereira e Paulo Bastos, são gente muito fina. O resto, em São Paulo, é brincadeira. Fui, vi e voltei encantado.

# José Carlos Oliveira

SAI  
DA FRENTE,  
XARÁ!

**Q**UEM é, afinal, José Carlos Oliveira? Ai de mim! — somos tantos que cedo ou tarde nos cruzamos, lançados em crise de identidade por exigências burocráticas que, ao menos neste caso, se afiguram razoáveis.

Falemos, antes, de mim mesmo. Tive esse nome até 17 anos de idade. Quando o Exército me convocou, examinei pela primeira vez a minha certidão de nascimento e li José Carlos "de" Oliveira. Era tarde, eu me acostumara à ausência dessa preposição nobre; assinava crônicas e reportagens sem ela, a minha marca de Autor já circulava num dos melhores jornais do Espírito Santo. Algum tempo depois, no Rio, ensaiei eliminar o José. Em velhas páginas da Noite Ilustrada, que peguei em gloriosa agonia, e nos primeiros exemplares de Manchete, um certo Carlos Oliveira apresentou-se ao povo carioca em particular, e ao brasileiro em geral. Foi quando alguém sugeriu que aquilo devia ser pseudônimo. Por trás de C. O. se esconderia algum literato estabelecido, forçado a adotar identidade paralela por necessidade de ganhar um dinheirinho extra. Meu estilo, na ocasião, autorizava a suspeita. Era um pastichão — pot-pourri de influências em assimilação: Drummond, Rubem Braga, Vinicius de Moraes. Até aí tudo bem, a dúvida tinha valor de elogio. Mas acabei descobrindo um português, romancista célebre, chamado Carlos Oliveira.

Voltei ao princípio. E entrei no circuito. Devido à minha pouca idade e aos meus modos correspondentes, de eterno garoto neurótico, surgiu o apelido *Carlinhos*. ~~Carlinhos~~ morei essa marca por muitos anos, mas tantas "me" fez o Carlinhos, tão intensa e burramente lançou-se ele nos braços da vida, que acabou configurando uma personalidade autônoma, quase sempre em conflito com a original. Dei-me conta, então, que esse era um personagem; pude observá-lo com o chamado distanciamento brechtiano; gostei dele — mas com uma ternura compassiva de irmão mais velho apreciando a irremediável desorientação do caçula. Hoje, convivemos quase sem dificuldade. Em menores proporções, a situação pode ser comparável àquela que inspirou a Sérgio Porto uma alucinação perfeitamente lúcida, a saber, que a dupla Pelé-Coutinho nunca existiu, eram ambos o próprio Pelé fazendo tabelinha consigo mesmo em vertiginosa troca de posições no gramado, movimento esse invisível a olho nu.

Agora, visto por vocês, o caso deve parecer pitoresco; mas, considerando os meus interesses de cidadão, produz apenas ansiedade. Estou condenado a reunir numerosos documentos capazes de comprovar que "eu não sou eu nem sou o Outro, sou qualquer coisa de intermédio, pilar da ponte do Tédio que vai de mim para o Outro"... Não se trata de metafísica, já disse; tão só burocracia. Tenho xarás em toda parte: nas penitenciárias, nos hospitais, na alta sociedade, nas Forças Armadas, no Clero, em funções de Juiz e de Réu, casados, desquitados, bigamos, solteiros, polígamos, honrados gerentes de banco e contumazes estelionatários. E a mim me cabe provar que não sou eles; e o despachante já avisou que, a qualquer momento, será preciso começar tudo de novo.

O poeta certo dia pediu a Deus a graça de ser "apenas Moraes, sem ser Vinicius". Eu peço o impossível: gostaria de me chamar Asclepiades de Montessori. É inconcebível a existência de dois Asclepiades de Montessori num planeta pequenino como este nosso. Caso existam, fiquem certos de que a III Guerra Mundial será inevitável...

Portanto, doravante, quem for meu amigo me faça este favor: me chame Asclepiades — ou, carinhosamente, Asclé...

# Ato de contrição, antes do sono

OTTO LARA RESENDE

"Quand la jeunesse se refroidit, le reste du monde claque des dents." Georges Bernanos.

**EXATAMENTE HA QUARENTA ANOS**, em 1937, aparecia o primeiro romance de Octavio de Faria — "Mundos Mortos", que audaciosamente anunciava a subsequente publicação de uma "Tragédia Burguesa", em vinte volumes que, a crer na amostra, só podiam ser alentados. Era um roman fleuve, como então se dizia; um romance fluvial, amazônico, com previsíveis afluentes de uma e outra margem; e imensas pororocas morais.

**OBRA CÍCLICA**, tinha precedentes lá fora. Num certo sentido, o maior romance de todos os tempos — maior no sentido de melhor, no consenso geral, inclusive no de Carlos Drummond de Andrade — já podia classificar-se como saga novel, ou, como se diz em castelhano, *novela-rio*: "Guerra e Paz", que Leon Tolstói escreveu aos 39 anos. Inumeráveis personagens, ação multiforme e politópica, intrigas e entrecos que se cruzam e se desruzam: como a vida, interminável romance, rio de sinistro, inesperado e indesejável estuário.

**THOMAS MANN ABRIU O SÉCULO**, em 1901, com "Os Buddenbrook", que chegou ao Brasil em tradução de Herbert Caro — quem é Herbert Caro, meu Deus? — editado em 1942 pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, que tantos e tão temerários serviços prestou à cultura brasileira. Thomas Mann, que tinha sangue brasileiro pelo lado materno, substituiu o seu incomensurável romance: *Verfall einer Familie*, ou seja, *Decadência duma Família*, tal como aparece na edição brasileira.

**OCTAVIO DE FARIA**, que sabe alemão, tradutor de Jacob Wassermann, certamente conhecia o livro de Thomas Mann, prêmio Nobel de 1929. Conhecia "A la recherche du temps perdu", de Marcel Proust, que no Brasil apareceu em sete volumes, também da Livraria do Globo de Porto Alegre, e com tradução assinada por nomes assim: Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Lourdes de Sousa Alencar e Manuel Bandeira, Lúcia Miguel Pereira. Excusez du peu, Brasil-64. Há outros exemplos de romance fluvial: "Les Thibault", de Roger Martin du Gard, é anterior à guerra e me siderou, quando o conheci pela mão de saudoso e remoto amigo francês — Jean Vincent; logo depois, em 1943, seria traduzido para o português, por obra de Casemiro Fernandes, e editado por quem? Pela mesma Livraria do Globo, de Porto Alegre. O inesquecível Jacques Thibault, que, intimo, deixou marcas em tanta gente; inclusive em Simone de Beauvoir.

**PAULO RONAI PRECISA FAZER** o levantamento de todos os abnegados que têm trazido para a nossa língua (tumular?) tantas obras da estrangeira; a começar por ele Ronai; se não o fizer, pode passar a bola a Agenor Soares dos Santos, que tem compromisso familiar, de sangue, com a tradução e com a Torre de Babel, com todas as línguas; e que ainda agora acaba de publicar, com prefácio do mesmo Paulo Ronai, "Guia Prático da Tradução Inglesa", na coleção "Pingos nos li", da Educação e Comunicação Editora Ltda. — Educom. Outro Agenor, que conheci, tio do atual, foi em seu retiro mineiro, erudito poliglota — e, entre tantas traduções magistrais (o adjetivo é de Ronai), traduziu "Jose e Seus Irmãos", de Thomas Mann.

**MAS VOLTEMOS A OCTAVIO DE FARIA**; além dele, entre nós, só o santo Erico Veríssimo aventurou-se ao romance cíclico, fluvial; e também nadou até o fim, não morreu afogado: aí está o ciclópico "O Tempo e o Vento", pacientemente tecido entre 1949 e 1961, para dar do Rio Grande uma tumultuada, épica e brasileira visão romanesca. Ana Terra e Rodrigo Cambará não me deixam mentir. Os dois exemplos, Erico e Octavio, bastariam para acabar com a balela de que o brasileiro é preguiçoso (e que um trabalhador intelectual como Afrânio Coutinho recentemente pulverizou). Ainda outro dia, encontrei uma carta que me escreveu Alvaro Lins, operário intelectual suicida, e que me falava da *preguiça brasileira*; eu ainda não tinha vinte anos e temia a tarefa de viver; a pedreira da vida intelectual, ao sol adusto, sem estímulo e sem a doce modulação das quatro estações dos países ricos e frios.

**SERIA O CASO DE PERGUNTAR** se Octavio de Faria, rebento de família rica, burguesa, filho de Alberto de Faria, cunhado de Afrânio Peixoto e de Alceu Amoroso Lima, três acadêmicos, se Octavio não seria um europeu, mais que um brasuca (é como se diz em Portugal, como aqui dizemos *portuga*). Pela formação, sim; o Brasil que vivia em Petrópolis, com medo da plebéia febre amarela; o Brasil dos diplomatas e do chá inglês, esse Brasil *belle époque*, de fato tinha os olhos e o coração na Europa. Só vinha aqui à baixada por dever de ofício, por imposição do câmbio, das oscilações do café; e quem sabe aguardava, como o Jacinto do Eça, um dia subir a serra para lá ficar, exilado no tédio, entregue ao gramofone e à saudade de Paris.

**MAS NÃO É DISTO** que desejo falar. O que me impele e compele é um quase personagem de Octavio de Faria, de sua "Tragédia Burguesa". Inexplicável paradoxo, esse longinquo adolescente, montanhês, do fundo da beta mineira, nada tinha e tudo tinha a ver com a saga que Octavio contava; o mundo moral, a arcaica atmosfera moral, abria abraçantes afinidades. Mal publicado "Mundos Mortos", caiu-me nas mãos um exemplar; eu tinha quinze anos na certidão de idade e na alma, um vendaval; ou um almaval, segundo o neologismo que Rubem Braga um dia criou, em oposição a carnaval.

**SERIA FASTIDIOSA A TENTATIVA** de recuperar esse tempo perdido, para sempre. Além da leitura madrugada adentro, recorde em seguida o artigo de Rachel de Queiroz, publicado no "Boletim de Ariel", e que me foi mostrado pelo meu mestre e amigo Benone Guimarães. "Estamos realmente em contacto com um romance, e com um grande romance" — dizia Rachel, que era de outro universo, quem sabe nostálgica de encontrar parceiros da outra margem. De qualquer forma, foi um escândalo. Octavio de Faria, ensaísta, pensador, panfletário, aguerida personalidade polêmica, pedia passagem para o seu romance, para o seu seriado, desculpem, para o seu caudaloso rio em vinte episódios e sabe lá Deus em quantos tomos. Fazia votos de romancista, perpétuos; para sempre, monge do delírio.

**AINDA ESPERO RELER** "Mundos Mortos", do começo ao fim: "Ivo já tinha feito as orações da noite, mas ainda não adormecera." Há aí um ritmo que lembra Proust, mas moralmente era o anti-Proust, era Pascal ("ceux qui cherchent en gémissant", inesquecível epigrafe); para o Proust, sirvo-me da tradução de Mário Quintana: "Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo. As vezes, mal apagava a vela, meus olhos se fechavam tão depressa que eu nem tinha tempo de pensar: *Adormeço*." Marcel beija a mãe, para conciliar o sono; Ivo beija o pequeno Crucifixo de prata de sua cama, logo em seguida ao Ato de Contrição. Em ambos, o sono fugia; a insônia traz uma luz amarela, hospitalar e satânica; nem Cristo nem mãe a saneiam, anulam-na; traz um vazão de alto mar (e de brejo). O trágico vazão da vida: a tragédia burguesa?, na medida que a burguesia é uma casta sem missão, condenada a condenar-se, à erosão, roída por dentro, pelo verme impessoal do nada.

**TENHO AINDA, ROTO**, o meu adolescente exemplar de "Mundos Mortos", todo manchado pela minha perplexidade ginásiana. Era quase como se me denunciasses. Logo depois, em Belo Horizonte, reagi; e escrevi um artigo que eu pretendia cartesiano, contra o meu idolo Octavio de Faria. Fui ler "Machiavel e o Brasil", que tinha na cinta esta recomendação de Tristão de Athayde: "A primeira grande afirmação da geração que nos sucede". Vê-se que era o tempo da velha ortografia. "Machiavel e o Brasil", publicado por Schmidt-Editor, em 1931, queimava como cobreiro; era uma coluna de fogo, de quebrada em quebrada, no espírito confuso de um rapaz de 19 anos: ardoroso aliadão anti-nazista ferrenho, capaz de um choro feroz quando a França caiu (a cruz de Lorena no coração).

**MAS OCTAVIO EXPLÓDIA**, em seu adolescente livro de estreia: "E

preciso dinamitar a burguesia — se só assim for possível arrancar alguma reação"; candente e messiânico: "Sonhamos com um Brasil que não seja mais esse deserto onde em cada rara povoação existe de novo o deserto no coração de cada um." Num ou noutro lance, vislumbra-se o entendimento de Carlitos: "Povo triste por natureza, em péssimas condições de vida, o nosso sorriso é falso e aberta ainda mais o coração". Riso amargo, dramático e cômico, eis Charles Chaplin, admiração máxima (e paradoxal?) de Octavio de Faria. No seu livro de estreia, Octavio anunciava dois ensaios sobre Chaplin; e fundou um clube cinematográfico para exaltar Carlitos; anunciava também um ensaio sobre Machado de Assis — como seria? Só podia ser contra o cético sorriso do Bruxo do Cosme Velho, o qual, qual Brás Cubas, continua a rir de nós, de nossos fogos e fervores, lá de dentro da refrigerante caldeira de Belzebu em que se encontra.

**DOIS ANOS DEPOIS DO PRIMEIRO**, saiu o segundo romance: em 1939, "Os Caminhos da Vida"; que li num hausto; pode ser sacrilégio, mas é verdadeiro: nem o "Dom Quixote" (de que acaba de sair bela edição da Civilização Brasileira, com prefácio de Otto Maria Carpeaux), nem mesmo o Quixote inaugurou em minha noite adolescente a clareira que nela instalou Octavio de Faria: fui de sol a sol, mesmerizado, incapaz de deter-me, de fugir daquela trama, daquela teia de aranha em que me embarcava com os embaraçados personagens. E então escrevi uma derramada epístola a Octavio de Faria, a que ele pacientemente me respondeu, na sua clara caligrafia.

**NÃO BUSCO AS CARTAS, AS DELE**; porque as minhas, ridículas a cair do sublime, faço votos que se tenham perdido — e nada se terá perdido. Nem recorro a releituras: "Cristo e César", de 1937, dedicada a Antonio Gallotti ("Três coisas me são difíceis de entender, e uma quarta eu a imagino inteiramente: o caminho da água no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no meio do mar, e o caminho do homem na sua mocidade" (Prov. XXX, 18-19, epigrafe de Octavio de Faria). O choque, o trauma do encontro com "Fronteiras da Santidade": Léon Bloy, o mendigo ingrato; o sangue do pobre. E Octavio de Faria, encarcerado na angústia de um destino dividido, irritada ou irritantemente maniqueísta: ao lado de lá, estende-se a mão, mas o coração se guarda, ainda que se incendeie de sinceras chamas e interrogações.

**OCTAVIO REAGIA, COMO SCHMIDT**, contra a geração da piada, que achava graça no Brasil; os clowns de 1922. O Brasil todavia tinha e tem graça. Em 1935, Octavio publicou "Dois Poetas", ensaio ego-meta-poético sobre Augusto Frederico Schmidt e Vinícius de Moraes, com uma nota final sobre outro poeta que acabaria predominantemente prosador: Lúcio Cardoso. E a fase em que o Vinícius foi, sem contrato e sem firma reconhecida, inquilino do sublime; dali saiu para a rua e o chorinho, pela mão de Manuel Bandeira e outros comezinhos, comestíveis poetas do cotidiano, de fácil dieta, popular (e com música).

**DATA DE MAIO DE 1942** o artigo "Octavio de Faria: romancista panfletário", publicado em "O Diário", de Belo Horizonte: sobre "O Lodo das Ruas", corajosa metáfora; e quem o assinava, eu mesmo, passava atestado de fé na obra anunciada; nela cria com todos os foros e todas as minhas entranhas: "Os romances de Octavio de Faria serão no futuro um retrato fidelíssimo de certa sociedade de nossos dias". E concluía, olímpico: "Ninguém nasce burguês. O burguês se faz". Trinta e cinco anos depois, reencontro o espectro de minhas inabaláveis afirmativas; castigo-me; releio uma entrevista que fiz com Octavio e que saiu em "O Jornal", de 28 de novembro de 1948: ele aí confessa prosaicamente que tinha passado a manhã a catar cabelos brancos. Nosso convívio, descontinuo, tínhamos descido do ninho entre os astros, para a trivial sinuca; ou para o chope duplo, na Taberna da Glória, ou no Bonfim, em Copacabana; quando não no Amarelinho, na Cinelândia.

**E DE REPENTE** passaram-se quarenta anos: o último volume da *Tragédia Burguesa* está pronto — "O Pássaro Oculto". Em diálogo com Leo Gilson Ribeiro, publicado no "Jornal da Tarde" de 2 deste corrente mês, Octavio admite que "a história evoluiu"; refere-se, quero crer, à sua história, ao seu rio particular, ao qual devotou toda uma vida, e não foi em vão. Confessa que, na forma, inspirou-se em Galsworthy, na "Forsyte Saga", o que lhe permite escrever e publicar novelas laterais, como foram, é so um exemplo, as "Novelas da Masmorra", de 1966 (Gráfica Record Editora).

**PERGUNTADO SOBRE AS MUDANÇAS** que sofreu nestes quarenta anos, Octavio reconhece que uma delas, certamente, foi a superação da sua crise religiosa; assim como a superação da tentação da política ou de livros sociais: "Além disto, com a idade, nos tornamos mais tolerantes para com os erros alheios". Por que não com os próprios erros? Octavio de Faria não cai nessa farisaica cilada e admite em seguida que não tem sido um crítico demasiado severo consigo mesmo — "tanto que os meus livros estão publicados".

**NO SEU PREFÁCIO** para a edição brasileira das "Cartas da Prisão", de Frei Betto (Civilização Brasileira, 1977), Tristão de Athayde compõe "um conto de fados" e relembra o que escreveu a propósito de "O Indigno", XII volume da *Tragédia de Octavio de Faria*: "Os problemas desses adolescentes da década de 1920, indiferentes à Revolução de 30, mas tão diferentes dos adolescentes da geração seguinte, que foram triturados pela Revolução de 64, giravam em torno da sexualidade e da religião. Foram, acima de tudo, problemas morais". (Jornal do Brasil, 11.11.76)

**PRESTES A COMPLETAR** setenta anos, a 15 de outubro do ano que vem, Octavio de Faria é raro fenômeno: consumiu a vida no ofício de escrever; quarenta anos seguidos, pedra a pedra, tijolo por tijolo, construiu no Brasil, soberbo, sua catedral de culpas, dúvidas e remorsos; alicerçada em problemas morais. Entrementes, o mundo mudou. Que é o pecado? Tristão de Athayde desceu de Petrópolis e estende ao zé-povinho sua mão generosa. O mal já não é a febre amarela, nem a febre vermelha. Acaba de morrer Vladimir Nabokov, quem sabe o último homem de letras, como de T.S. Eliot disse "The Times"; ou como de não sei quem disse "The New York Times". O "Time" magazine poderá dizer que morreu o último humanista, por sinal bem à la mode, criador de Lolita e desvendador impudico de ninfetas. A morte de Nabokov talvez seja um símbolo; clerc e nômade do Oriente ao Ocidente, de toda a Europa aos Estados Unidos; até a Suíça, hospitalar, au-dessus de tout soupçon. Varrido pelas ideologias, de todas desencantado.

**SOU TÃO ANTIGO QUE OCTAVIO**, Branco e Pedro Borges ainda me tiram o sono. Mas valeu a pena? Valerá a pena? E bem possível que a vida passe ao largo e que estejamos falando sozinho; até quando? Enfim, há pilulas, tranquilizantes e soníferos para substituir o Ato de Contrição; podemos dormir em paz; podemos dormir (a paz é superflua). Se dormir é uma forma interina de morrer, como diz Machado, aprendamos a dormir com os que aceitam discretos o sono para sempre. Ainda esta semana, morreu Caio de Freitas, inglês exilado no Brasil, brasileiro exilado na Inglaterra. Não fez barulho. Outro que saiu de mansinho: meu conferrâneo Belisário Leite de Andrade Neto, todo virtudes, homem público asilado em si mesmo; orador, advogado, leitor insaciável — e também de Octavio de Faria, como de Dostoiévski; escritor que conteve a pena, calou. Agora calou-se a morte, implacável.

**QUEM SABE AÍ ESTÁ A TRAGÉDIA**, que não é só burguesa, mas universal. Em todo caso, dela, de seu ângulo, ardente, alheio aos carvões apagados do ceticismo, Octavio de Faria tem dado seu testemunho: quarenta anos de "Tragédia Burguesa". E um rio, abordável de qualquer margem; é uma obra, um holocausto, uma fatalidade. Manet.

## CARMEM VERENA

## SOLTANDO A LÍNGUA

● Ewerton de Castro resolveu economizar, pensando no futuro. Tanto assim que cancelou todas as despesas que tinha fora de casa, com comida e bebida. Uma vidinha simples, agora: do teatro para casa, aos braços da mulher e à comidinha trivial e barata. ● *Aos 63 anos de idade, o poeinha Vinicius de Moraes é considerado, no meio artístico, um caso raro de resistência e vitalidade. Vinicius não pára. Quando não está no Brasil, está no exterior, sempre trabalhando. O poeta detesta fazer turismo puro e simples. Onde quer que esteja, tem que mostrar sua arte.* ● Depois do livre trânsito que teve na TV Globo, quando trabalhava com a Sandra Bréa, o cabeleireiro Silvinho não foi bem aceito, em recente gravação da *Loco Motivas*. Ele teria uma participação especial na novela, mas os outros cabeleireiros, contratados da casa, ofuscaram-lhe a presença, quase barrando sua entrada na emissora. ● *Ronaldo Bôscoli, o compositor e diretor de shows, está de paixão nova. Informa-me a Matilde que ela é morena de cabelos curtos. Isso é bom, pois o Ronaldo, ultimamente, andava numa fossa daquelas. Além dos problemas do coração, ele é um artista pouco compreendido por sua classe.* ● Maurício Sherman tem como certa a vinda da linha de show da TV Tupi para o Rio, em setembro, no máximo. Tem muita ghente torcendo por isso, particularmente a equipe, comandada por Marcos Reis, que deixou o programa do J. Silvestre. ● *O cachê de 5 mil cruzeiros que a Carmem Costa ganhou por 10 minutos do Fantástico, para cantar e contar um pouco de sua carreira, causou um pequeno grilo doméstico na casa da cantora. Sua filha sentiu-se envergonhada porque a Carmem revelou que morava num conjunto habitacional do subúrbio. Tão envergonhada, a ponto de, por alguns dias, não sair de casa para não ser vista pela vizinhança. Coisas da vida, né xará?!*